

MONITORIZAÇÃO AGROMETEOROLÓGICA E HIDROLÓGICA

28 de fevereiro de 2026

Ano Hidrológico 2025/2026

**Relatório do Grupo de Trabalho de assessoria técnica à
Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos
Efeitos da Seca**

Índice

1. Nota Introdutória	7
2. Avaliação meteorológica	9
2.1. Temperatura.....	9
2.2. Precipitação.....	10
2.3. Situação de Seca Meteorológica	13
2.4. Evolução até ao final do mês	17
3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras	19
3.1. Situação de Seca Hidrológica	22
3.2. Disponibilidades hídricas <i>versus</i> necessidades	25
4. Águas Subterrâneas	28
4.1. Comparação com o mês anterior.....	28
4.2. Análise dos níveis piezométricos.....	28
4.3. Massas de água em situação crítica e em vigilância	32
1.3.1. Massas de água em situação crítica	33
1.3.2. Massas de água em vigilância	34
4.4. Apreciação geral.....	34
5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola	36
5.1. Análise dos dados hidrométricos	38
5.2. Planeamento de contingência.....	38
6. Agricultura e Pecuária	42
6.1. Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado	42
6.2. Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.....	42
6.3. Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspetos de qualidade e quantidade	43
6.4. Abeberamento dos animais	45
7. Outras Informações	46
7.1 Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	46
7.2 Abastecimento público	48

7.3 Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão 56

Índice de Figuras

Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de fevereiro (período 1941 – 2026) (Fonte: IPMA)	9
Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de fevereiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)	9
Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 28 de fevereiro de 2026 em Portugal continental (Fonte: IPMA)	10
Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de fevereiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)	11
Figura 5 - Precipitação mensal acumulada nos anos hidrológicos 2023/24, 2022/23 e precipitação normal acumulada 1991-2020 (Fonte: IPMA)	12
Figura 6 - Percentagem de precipitação em relação ao valor médio 1991-2020 na região a norte e a sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela entre outubro 2025 e fevereiro 2026 (Fonte: IPMA)	12
Figura 7 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em fevereiro (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita) em relação à normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA)	13
Figura 8 - Água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 31 de janeiro e a 28 de fevereiro. Variação entre solo totalmente seco (0) e solo saturado ou sobressaturado (SAT) (Fonte: IPMA)	14
Figura 9 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (média concelho) a 31 de janeiro e a 28 de fevereiro (Fonte: IPMA)	15
Figura 10 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de fevereiro 2026 (Fonte: IPMA)	17
Figura 11 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de março de 2026 (Fonte: IPMA)	18
Figura 12 - Situação das albufeiras em janeiro (esquerda) e em fevereiro (direita)	19
Figura 13 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 28 de fevereiro de 2026 e de 2025 (Fonte: APA)	20
Figura 14 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2024 até 28 de fevereiro de 2026, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)	22
Figura 15 - Níveis de seca hidrológica no mês de janeiro (esquerda) e em fevereiro de 2026 (direita) (Fonte: APA)	23
Figura 16 - Nível de armazenamento em fevereiro de 2026 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 28 de fevereiro (Fonte: APA)	24

Figura 17- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)	25
Figura 18 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura	26
Figura 19 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 28/02/2026)	26
Figura 20 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 28 de fevereiro de 2026 e comparação com os valores de armazenamento observados a 28 de fevereiro de 2025 (Fonte: APA)	27
Figura 21 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre janeiro (esquerda) e fevereiro (direita) (Fonte: APA).	28
Figura 22 - Metodologia de avaliação das massas de água em situação crítica e de vigilância (Fonte: APA).	33
Figura 23 - Localização das albufeiras monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR)	36
Figura 24 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório.....	38
Figura 25 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório	39
Figura 26 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC).....	46
Figura 27 - Volume total armazenado (valores médios) a 28/02 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2023 e 2026 (Fonte: AdP)	48
Figura 28 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 28/02/2026 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).	50
Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 28/02/2026 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).	51
Figura 30- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 28/02/2026 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP). .	52
Figura 31 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão .	59

Índice de tabelas

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal	7
Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e fevereiro de 2026 (Fonte: IPMA)	15
Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em fevereiro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, http://sir.dgadr.gov.pt/reservas)	37
Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (24 de fevereiro de 2026), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)	40
Tabela 5 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 28/02/2026 (Fonte: AdP)	48
Tabela 6 - Ponto de situação, a 28/02, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume total armazenado (hm ³ e %) (comparação entre 2023 e 2026) (Fonte: AdP).....	49
Tabela 7 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)	53
Tabela 8 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/03/2026 (Fonte: EDIA).....	56
Tabela 9 - Volumes mensais transferidos (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/03/2026 (Fonte: EDIA)	57
Tabela 10 - Volumes totais elevados (hm ³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/01/2026 (Fonte: EDIA)	58

1. Nota Introdutória

O presente relatório foi elaborado com o objetivo de assegurar uma Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, para que fique reunida a informação suficiente para avaliação das disponibilidades hídricas em Portugal Continental.

Esta monitorização consta da compilação dos parâmetros acompanhados pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA), pelo Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), em ligação com as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) e com Instituto Nacional de Estatística (INE), pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), pela Autoridade Nacional Emergência Proteção Civil (ANEPC), pela Águas de Portugal (AdP) e ainda com a informação disponibilizada pela Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), Tabela 1.

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal

Parâmetro	Organismo	Periodicidade
Precipitação, Teor de Água no Solo, Temperatura do ar e Previsões meteorológicas (temperatura e precipitação)	IPMA	Mensal
Agricultura de Sequeiro e Pecuária Extensiva	GPP/DRAP/INE	Mensal
Armazenamento de Água Subterrânea	APA	Mensal
Armazenamento de Água Superficial (albufeiras)	APA	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras dos Aproveitamentos Hidroagrícolas Grupo 2 e algumas do Grupo 3	DGADR	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras utilizadas para produção de água para abastecimento público	AdP	Mensal
Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	ANEPC	Mensal
Transferências do sistema Alqueva-Pedrogão	EDIA	Mensal

A presente abordagem está prevista no Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca, aprovado pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca (CPPMAES), criada pela Resolução de Conselho de Ministros nº 80/2017, de 7 de junho.

Este diploma criou também um Grupo de Trabalho com o objetivo de assessorar tecnicamente a Comissão, que tem, de entre outras, a função de:

“Produzir relatórios mensais de monitorização dos fatores meteorológicos e humidade do solo, das atividades agrícolas e dos recursos hídricos, cuja periodicidade deve ser intensificada

quando seja detetada uma situação de anomalia ou declarada uma situação de seca, sendo que nestas situações os relatórios passam também a incluir as estimativas de consumo ou utilização pelas principais atividades, nomeadamente o abastecimento público, a agricultura, a produção de energia e a indústria com maiores consumos de água.”

Nos relatórios poderão ser sempre incluídos temas que seja oportuno dar a conhecer, sejam de caracterização das condições, sejam de divulgação de recomendações ou de decisões técnicas e políticas assumidas.

Essas vertentes enquadrar-se-ão no referido Plano, que, apresentando-se estruturado em três eixos de atuação - Prevenção, Monitorização e Contingência - contempla temas como a determinação de limiares de alerta, a definição de metodologias para avaliação do impacto dos efeitos de uma seca, a conceção de manuais de procedimentos para padronização da atuação, a disponibilização de planos de contingência e a preparação prévia de medidas para mitigação de efeitos da seca.

Este relatório de monitorização agrometeorológica e hidrológica, relativo a 28 de fevereiro de 2026, é o centésimo décimo segundo produzido no contexto legislativo referido e o quinto do ano hidrológico em curso (2025/2026).

2. Avaliação meteorológica

2.1. Temperatura

O mês de fevereiro de 2026 em Portugal continental classificou-se como muito quente em relação à temperatura do ar e extremamente chuvoso em relação à precipitação, Figura 1.

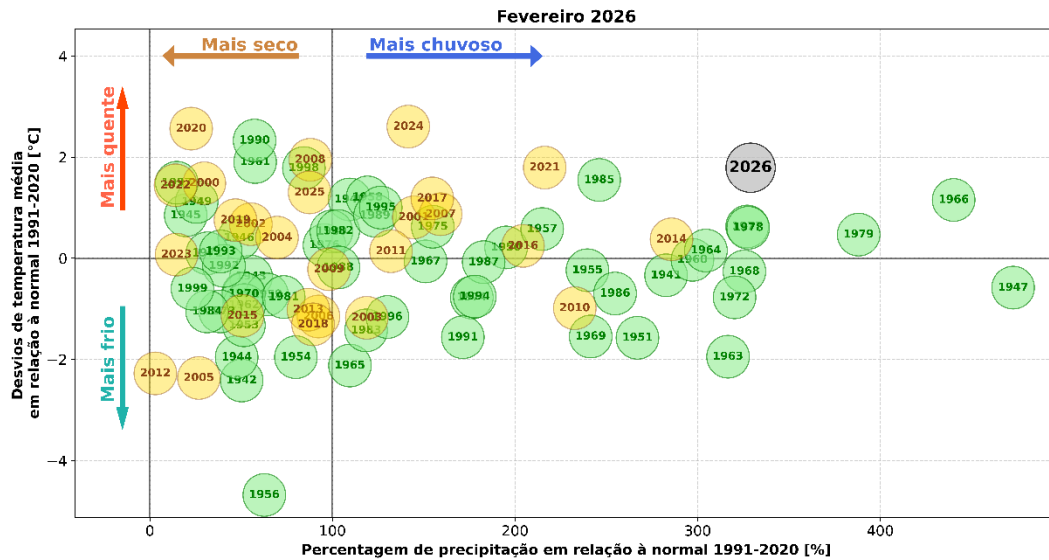


Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de fevereiro (período 1941 – 2026) (Fonte: IPMA)

O mês de fevereiro em Portugal continental foi o 7º mais quente desde 1931 (mais quente: 2024, 12.47 °C). O valor médio da temperatura média do ar, 11.66 °C, registou um desvio de +1.79 °C em relação à normal 1991-2020, Figura 2. De salientar que nos últimos 8 anos registaram-se sempre valores acima da média para fevereiro.

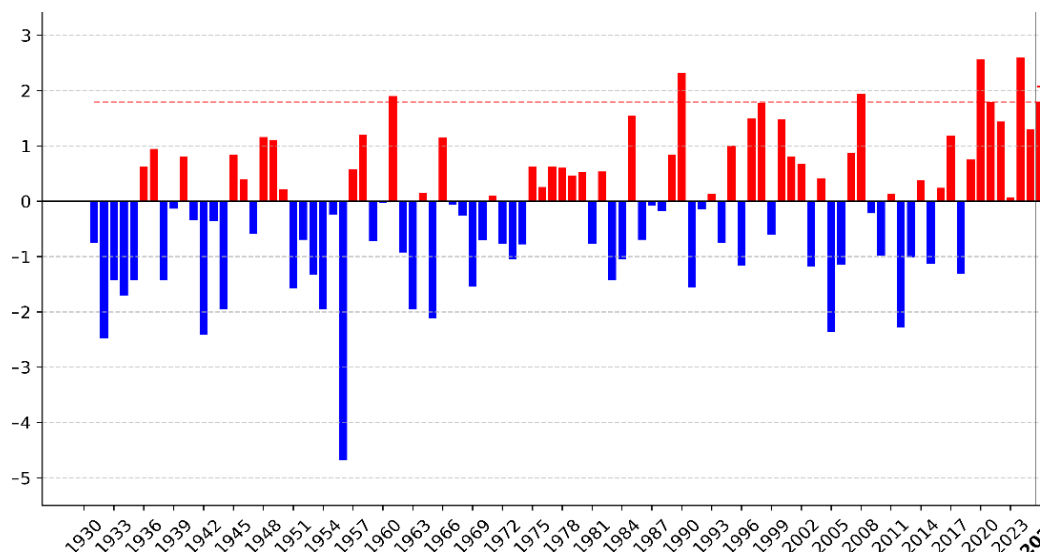


Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de fevereiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

O valor médio da temperatura máxima do ar, 15.61 °C, foi o 10º valor mais alto desde 2000 (mais alto em 2020, 17.89 °C), com uma anomalia positiva de 0.91 °C. Valores de temperatura máxima do ar superiores ao deste mês ocorreram em 15% dos anos desde 1931. O valor médio da temperatura mínima do ar, 7.70 °C, +2.67 °C acima do valor médio, foi o 6º valor mais alto desde 1931 (mais alto em 1985, 7.96 °C). De referir os últimos 3 anos com anomalias positivas da temperatura mínima em fevereiro.

O mês de fevereiro caracterizou-se por valores diários da temperatura média do ar predominantemente acima, ou muito próximo, do valor médio mensal, com destaque para as anomalias positivas nos períodos de 9 a 12 e 21 a 26 de fevereiro, Figura 3. Entre 21 e 26 de fevereiro ocorreu uma onda de calor, com a duração de 6 dias, em 4 estações do IPMA localizadas nos distritos de Bragança e Guarda.

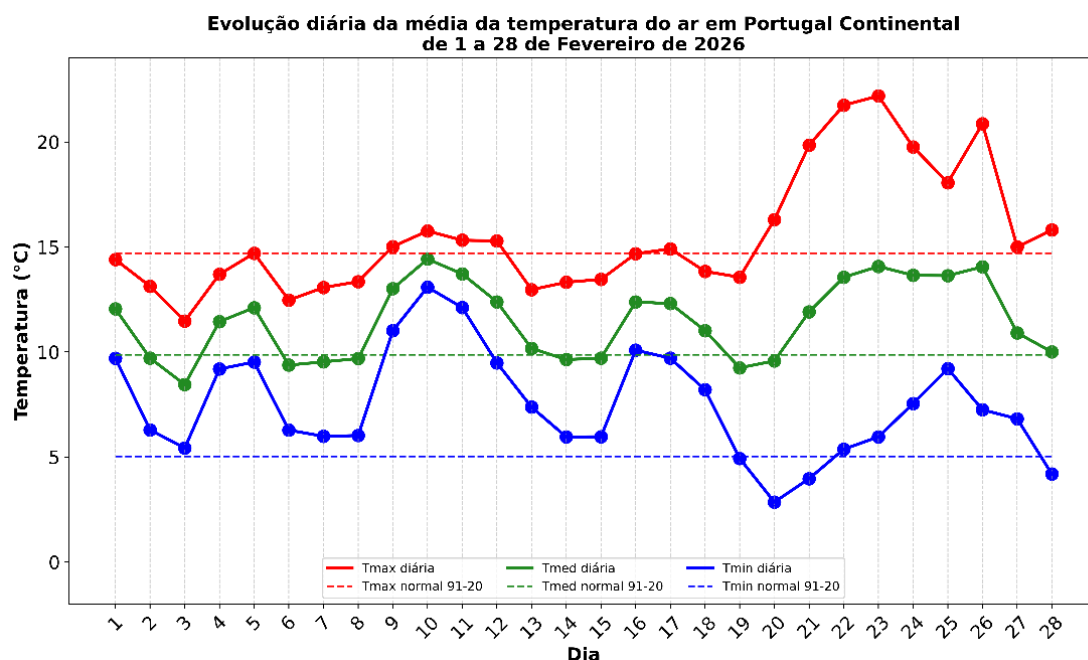


Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 28 de fevereiro de 2026 em Portugal continental (Fonte: IPMA)

2.2. Precipitação

No mês de fevereiro de 2026 o total de precipitação mensal, 241.7 mm (Figura 4) foi muito superior ao valor médio 1991-2020 (+168.3 mm), sendo o 5º mais chuvoso desde 1931 e o mais chuvoso dos últimos 47 anos (mais chuvoso 1947, 347.0 mm).

Durante este mês, e em especial na primeira quinzena, verificou-se a passagem de 2 depressões em Portugal continental (Leonardo e Marta), assim como, a passagem de superfícies frontais associadas às depressões Nils e Oriana, tendo este quadro atmosférico originado precipitação

generalizada no território continental, por vezes forte e persistente nos primeiros 20 dias do mês, nas regiões Norte e Centro, e nos primeiros 13 dias, na região Sul.

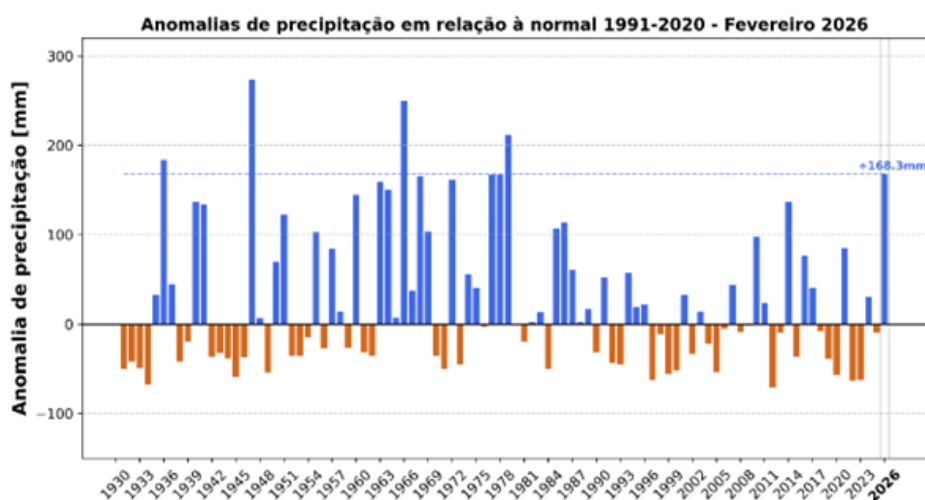


Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de fevereiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

Em termos de distribuição espacial, os valores de precipitação em fevereiro foram muito superiores ao valor normal 1991-2020 em todo o território, com grande parte do território com valores de precipitação acima dos 300% do valor normal climatológico, sendo mesmo superior a 400% em muitos concelhos dos distritos de Santarém e Setúbal, destacando-se ainda os concelhos de Proença-a-Nova, Mora e Coruche com valores de precipitação superior a 5 vezes o valor normal, Figura 6.

O maior valor mensal da quantidade de precipitação em fevereiro 2026 (valor médio concelho) foi registado no concelho de Vieira do Minho, 533.2 mm e o menor valor no concelho de V. Real Santo António, 75.2mm. O valor mais elevado de percentagem de precipitação em fevereiro, em relação ao valor médio, verificou-se no concelho de Proença-a-Nova e o valor mais baixo, 177%, no concelho de Vila Real de Santo António.

O valor da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico 2025/2026, até final de fevereiro, 923.8 mm (Figura 5), corresponde a 179% do valor normal 1991-2020.

Até à data e para o período 1 outubro 25 a 31 janeiro 26, corresponde ao 2º mais chuvoso desde 2000 e 10º desde 1931. O ano hidrológico mais chuvoso depois de 2000, foi 2000/2001, que à mesma data registava + 115 mm em relação a 2025/2026.

Até à data e para o período 1 outubro 2025 a 28 fevereiro 2026, corresponde ao mais chuvoso dos últimos 30 anos e o 5º desde 1931. De referir que este ano hidrológico já ultrapassou o ano hidrológico mais chuvoso depois de 2000, 2000/2001, registando + 21 mm.

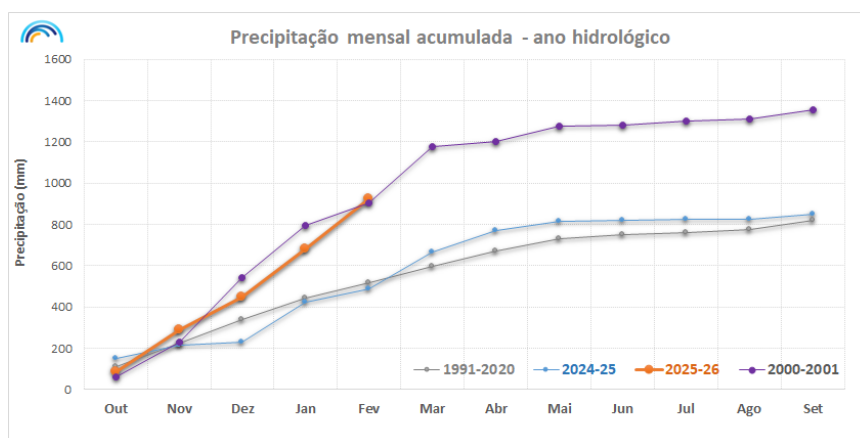


Figura 5 - Precipitação mensal acumulada nos anos hidrológicos 2023/24, 2022/23 e precipitação normal acumulada 1991-2020 (Fonte: IPMA)

Na Figura 6, apresentam-se os valores de percentagem da precipitação na região a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e a Sul do mesmo sistema.

Verifica-se que desde novembro ambas as regiões apresentavam valores superiores à normal 1991-2020, onde se destaca a região Sul nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro com uma percentagem superior à região Norte, sendo um indicador que a região Sul tem registado mais precipitação que a região Norte, quando comparado com o que é normal chover nas duas regiões. De salientar ainda que, neste fevereiro, ambas as regiões registaram valores de precipitação superiores a 3 vezes o valor médio.

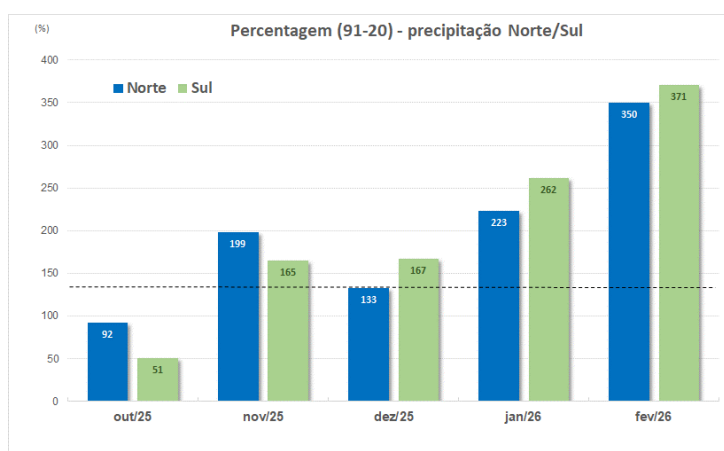


Figura 6 - Percentagem de precipitação em relação ao valor médio 1991-2020 na região a norte e a sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela entre outubro 2025 e fevereiro 2026 (Fonte: IPMA)

2025/2026 são superiores ao normal em todo o território, com grande parte dos concelhos com totais acumulados de 1.5 a 2 vezes o valor médio, sendo mesmo superior a 2 vezes nos distritos de Leiria, Lisboa e Santarém (Figura 7 direita).

O valor mais elevado de percentagem de precipitação no ano hidrológico, em relação ao valor médio, 258%, verificou-se no concelho de Valença do Minho e o valor mais baixo, 118%, no concelho de Idanha-a-Nova.

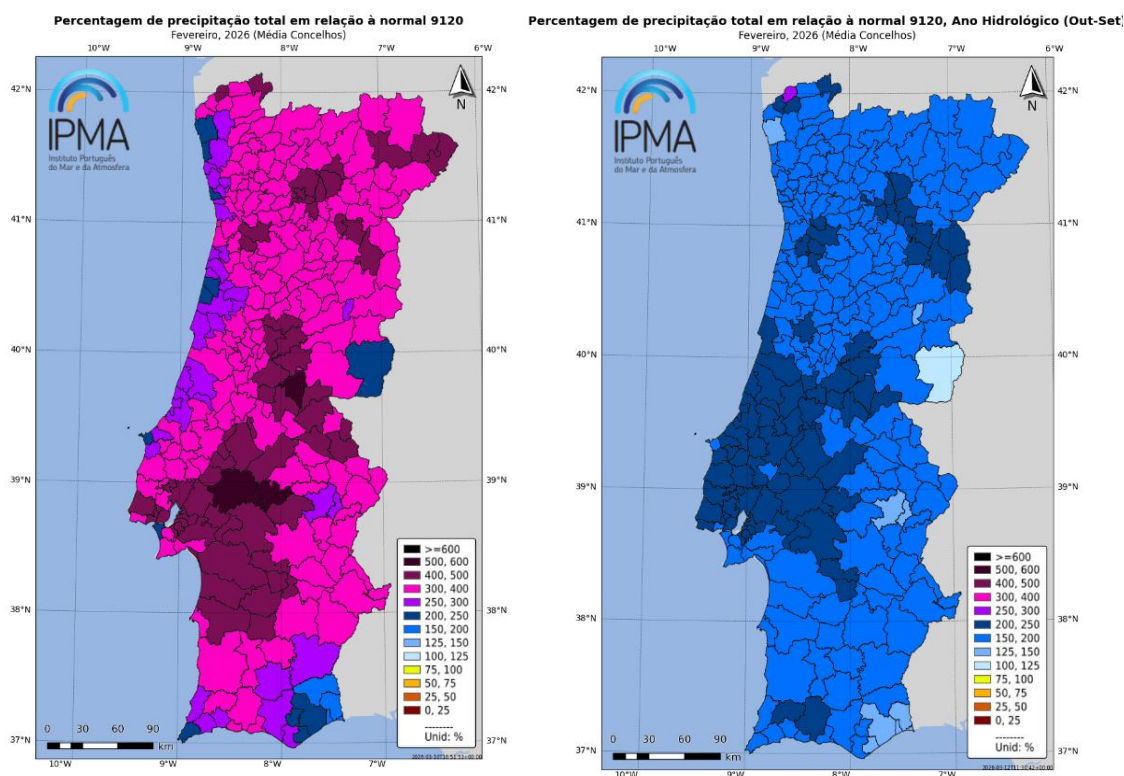


Figura 7 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em fevereiro (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita) em relação à normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA)

2.3. Situação de Seca Meteorológica

Índice de Água no Solo (SMI)

Na Figura 8, apresenta-se o produto água no solo (AS) 31 de janeiro e a 28 de fevereiro de 2026. A 28 de fevereiro verificou-se uma diminuição dos valores de percentagem de água no solo em todo o território, o que se deveu essencialmente aos últimos 8 dias do mês, com ausência de precipitação em grande parte do território e temperaturas elevadas, em especial a temperatura máxima, o que contribuiu para valores de evapotranspiração mais elevados e consequentemente para uma secura mais rápida do solo.

Assim no final do mês, apesar de quase todos os concelhos de Portugal continental apresentarem valores de água no solo a variar entre os 60% e os 100%, nas regiões Norte, interior Centro e em alguns municípios do interior do Alentejo, verificavam-se valores de água no solo acima da capacidade de campo, nos níveis de saturação, situando-se perto da sobressaturação em alguns municípios do Nordeste transmontano.

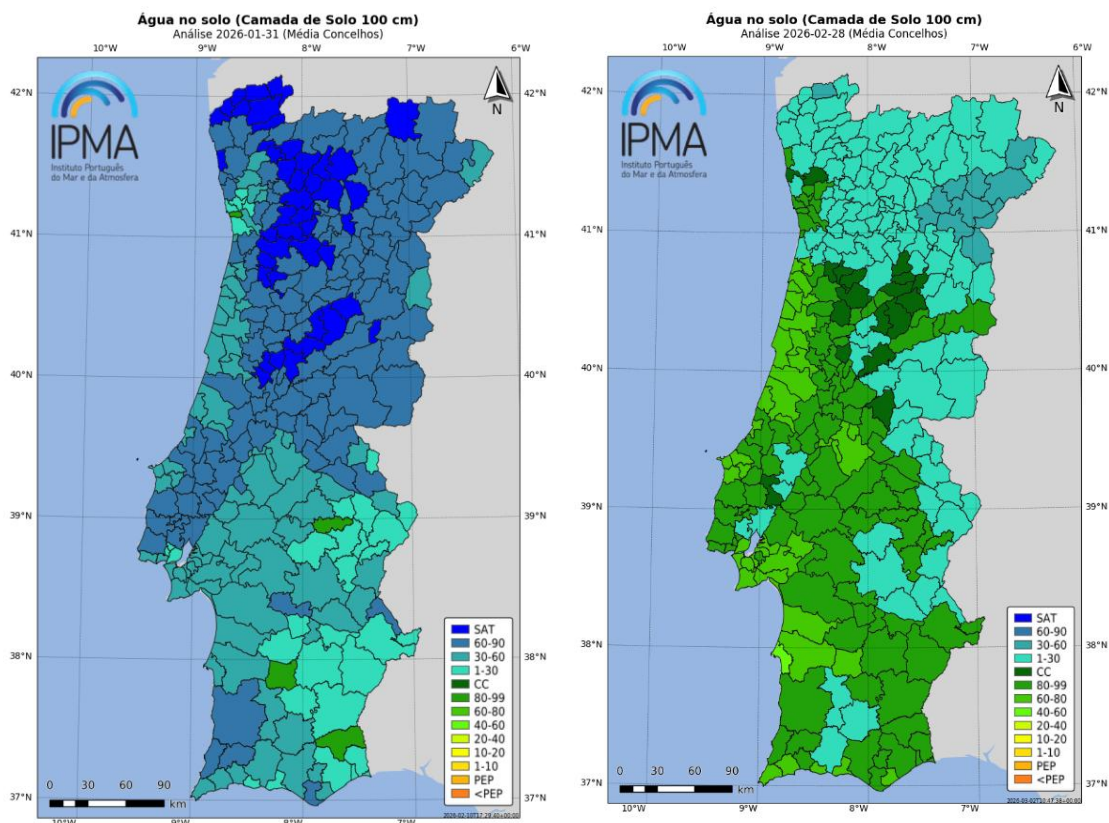


Figura 8 - Água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 31 de janeiro e a 28 de fevereiro. Variação entre solo totalmente seco (0) e solo saturado ou sobressaturado (SAT) (Fonte: IPMA)

Índice de Seca - PDSI

De acordo com o índice PDSI¹, no final de fevereiro não existia seca meteorológica em Portugal Continental verificando-se um agravamento nas classes de chuva, em especial nos concelhos do Norte e Centro e do Alto Alentejo, que estão agora quase todos na classe mais intensa (chuva extrema).

Na Tabela 2, apresenta-se a percentagem, mensal, do território Continental nas várias classes do índice PDSI, entre outubro 2025 e fevereiro 2026.

¹ **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).

Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e fevereiro de 2026

(Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Out 2025 (%)	30 Nov 2025 (%)	31 Dez 2025 (%)	31 Jan 2026 (%)	28 Fev 2026 (%)
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	8.3	75.1
Chuva severa	0.0	0.0	4.4	61.7	24.5
Chuva moderada	0.0	12.0	23.5	29.0	0.4
Chuva fraca	1.2	37.7	45.7	1.0	0,0
Normal	32.4	29.7	26.4	0.0	0.0
Seca Fraca	31.8	20.6	0.0	0.0	0.0
Seca Moderada	27.9	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Severa	6.7	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

A Figura 9, apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 31 de janeiro 2025 e a 28 de fevereiro de 2026.

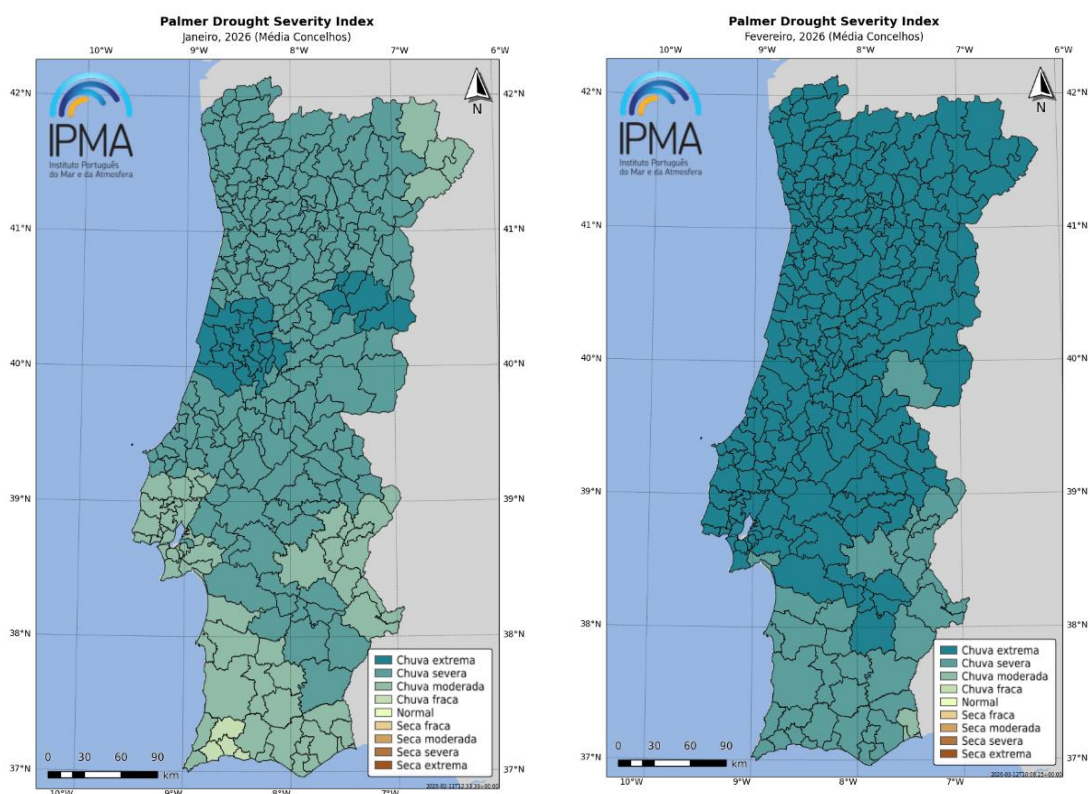
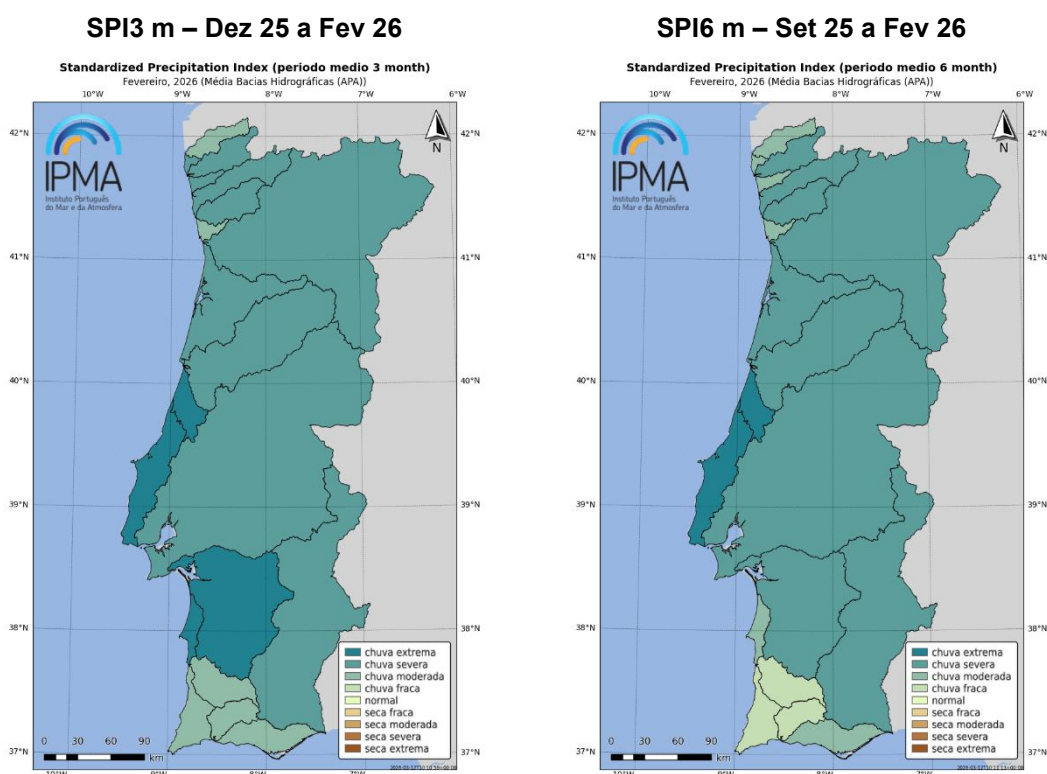


Figura 9 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (média concelho) a 31 de janeiro e a 28 de fevereiro (Fonte: IPMA)

Índice de seca SPI

O índice SPI (Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação) quantifica o défice ou o excesso de precipitação diferentes escalas temporais², que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água. Na Figura 10, apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de fevereiro para as principais bacias hidrográficas do território (valor médio por bacia).

Devido à precipitação ocorrida nos últimos meses, nenhuma bacia se encontra nas classes de seca no final de fevereiro, tanto nas escalas mais curtas como nas mais longas, verificando ainda uma intensificação das escalas de chuva.



² As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

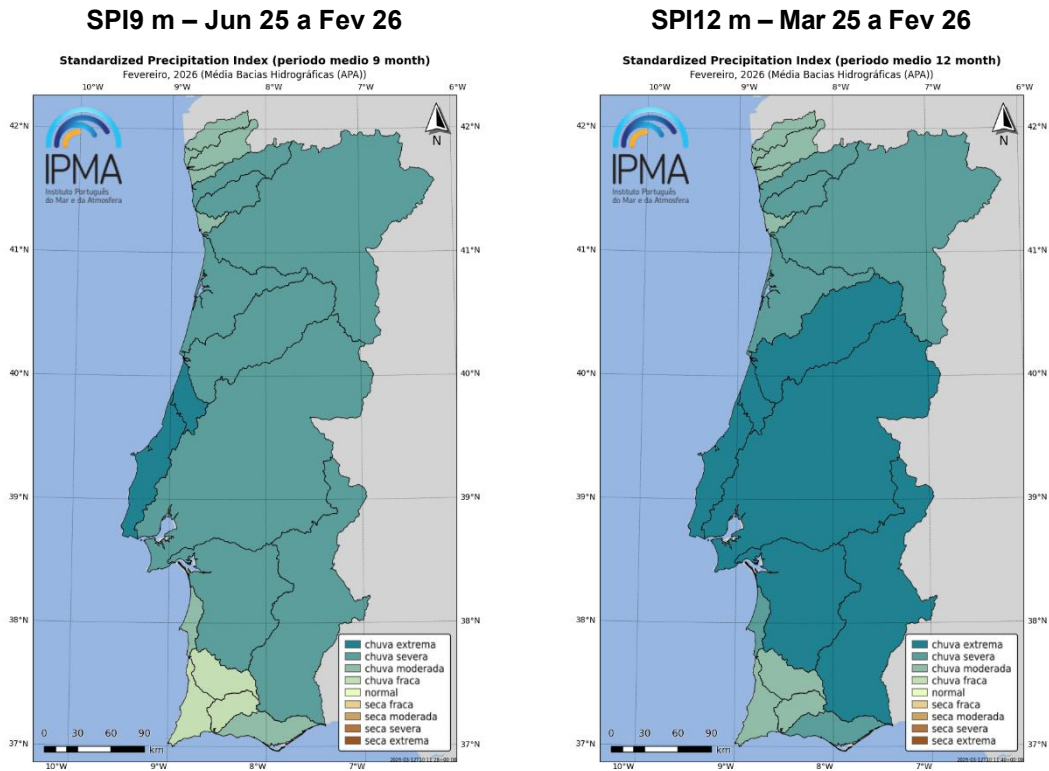


Figura 10 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de fevereiro 2026 (Fonte: IPMA)

2.4. Evolução até ao final do mês

A evolução da situação de seca para o mês seguinte baseia-se na estimativa do índice PDSI, para cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação. Assim, tendo em conta a situação no final de fevereiro, consideram-se os seguintes cenários para a precipitação em março, Figura 11:

Cenário 1 (2º decil – D2) - Valores da quantidade de precipitação inferiores ao normal (valores inferiores ocorrem em 20% dos anos): sem seca meteorológica em todo o território e desagravamento das classes de chuva.

Cenário 2 (5º decil – D5) – Valores da quantidade de precipitação próximos do normal: situação idêntica a 28 de fevereiro.

Cenário 3 (8º decil – D8) – Valores da quantidade de precipitação superiores ao normal (valores superiores ocorrem em 20% dos anos): sem seca meteorológica em todo o território e agravamento das classes de chuva.

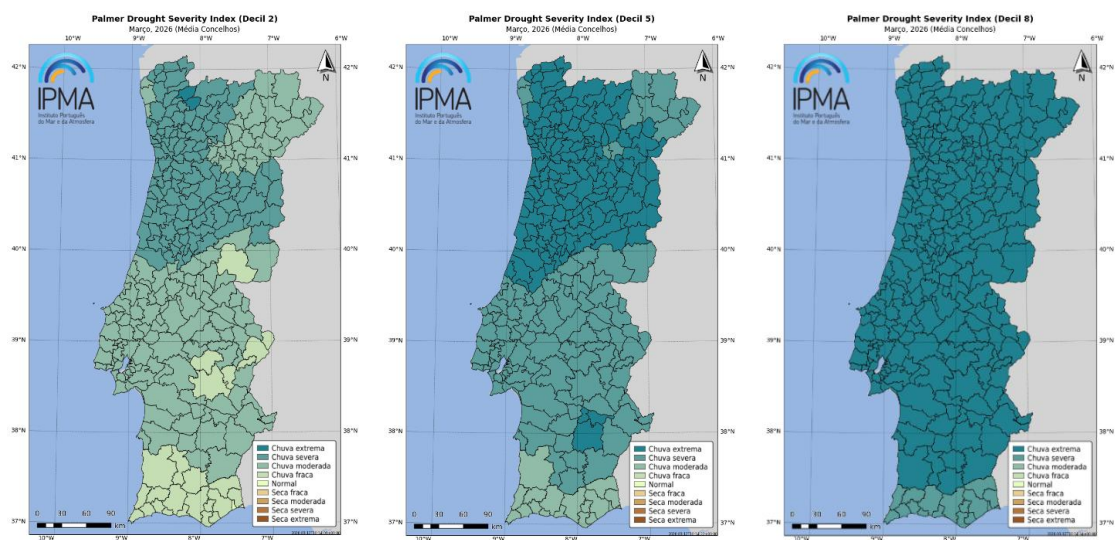


Figura 11 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de março de 2026 (Fonte: IPMA)

Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)³:

Segundo a previsão a médio e longo prazo, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 16/03 a 22/03** – Anomalia positiva: valores acima do normal, para as regiões Centro e Sul (1 a 30 mm).
- **Semana 23/03 a 29/03** – Anomalia positiva: valores acima do normal para as regiões do interior Centro, Lisboa e Vale do Tejo e região Sul (entre 1 mm e 10 mm).

Tendo em conta a previsão para as próximas semanas, com valores de precipitação superiores ao normal, é expectável que continue a não existir seca meteorológica em Portugal continental.

³ <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 28 de fevereiro de 2026, comparativamente ao último dia do mês anterior, registou-se uma descida em quatro bacias hidrográficas e uma subida em onze bacias analisadas, Figura 12.

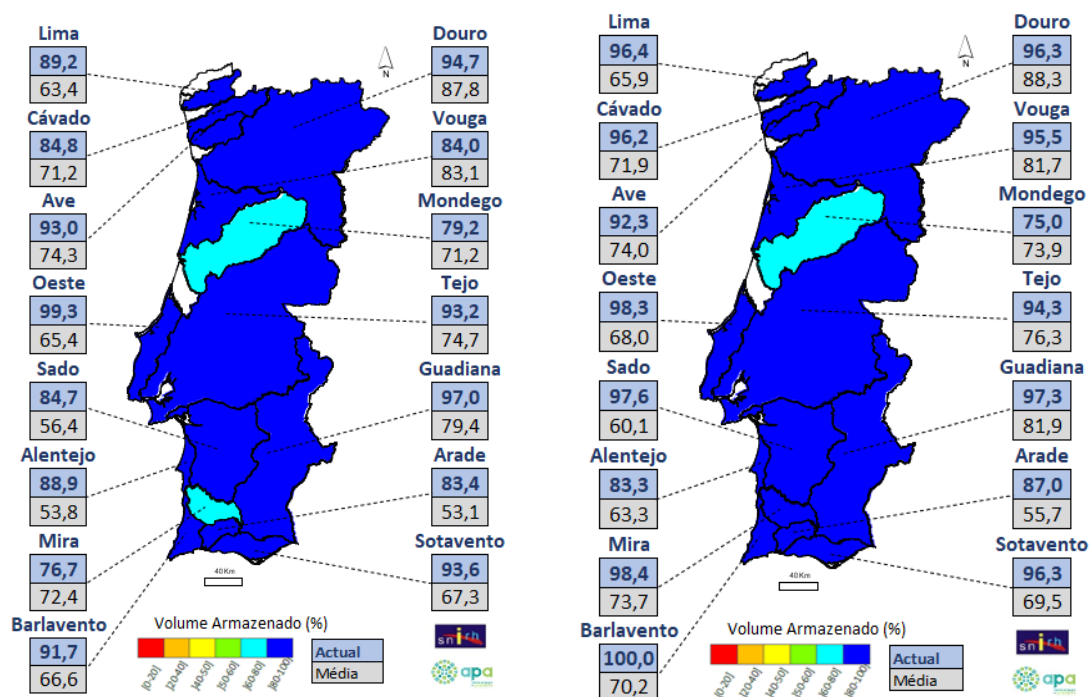


Figura 12 - Situação das albufeiras em janeiro (esquerda) e em fevereiro (direita)

(Fonte: APA)

Os armazenamentos em 28 de fevereiro de 2026 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de fevereiro (1990/91 a 2023/24).

Na Figura 13 é possível observar que as bacias hidrográficas estão acima dos valores observados em fevereiro de 2025, com exceção, na bacia do Mondego. Esta situação deveu-se ao facto de as barragens estarem a efetuar descargas para ganhar capacidade de encaixe, face às inundações ocorridas.

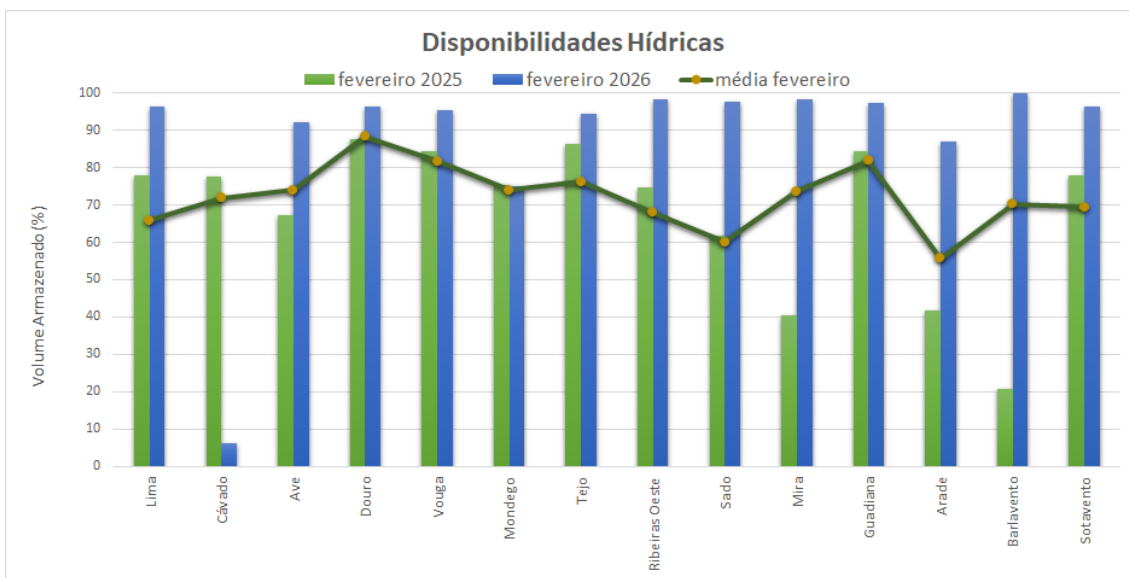
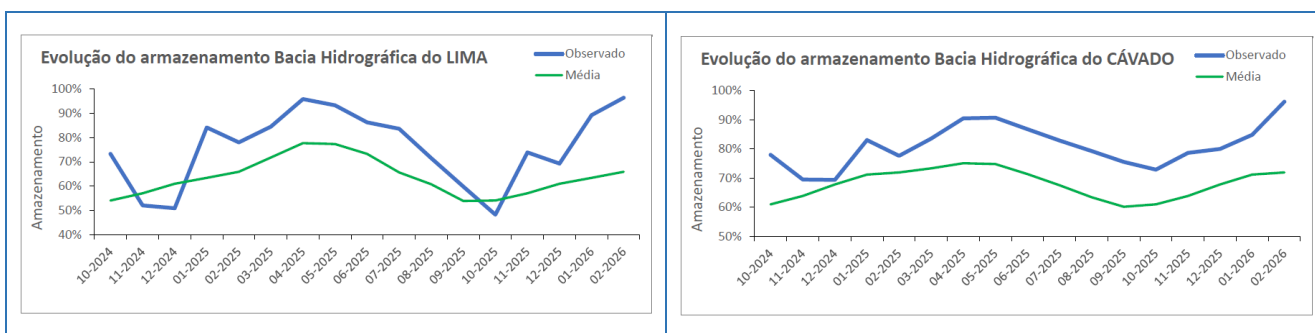
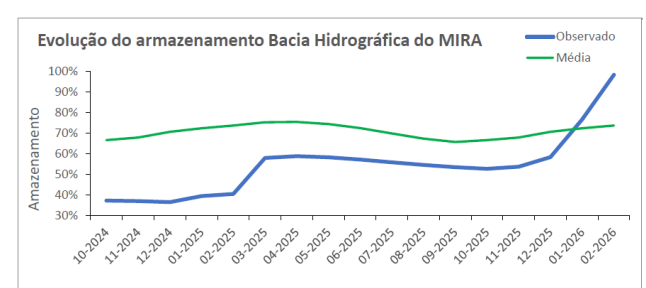
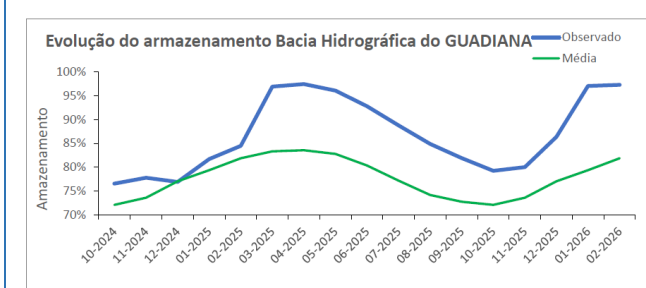
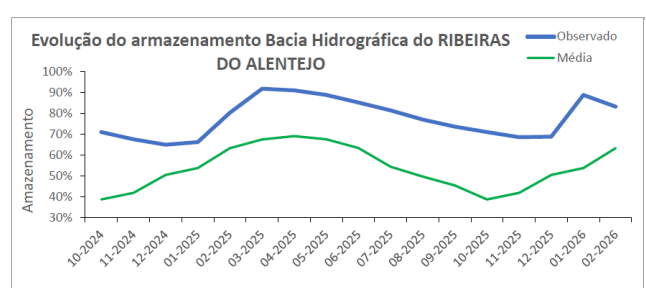
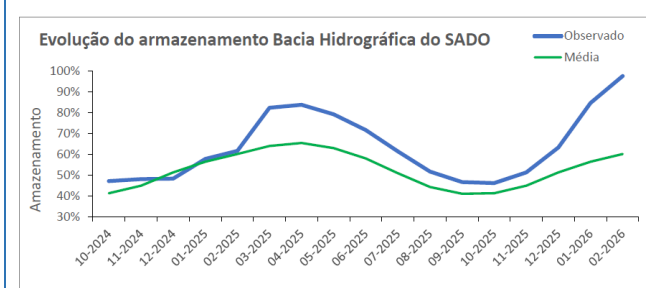
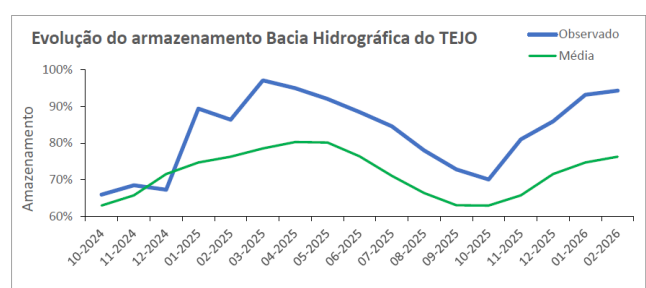
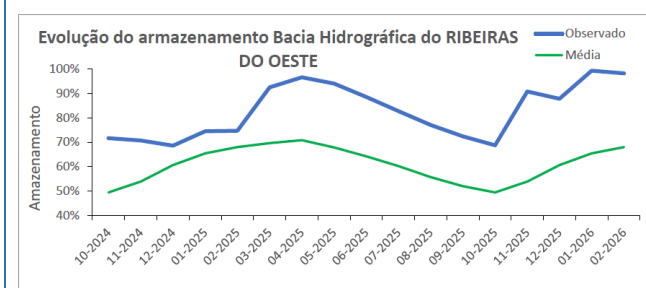
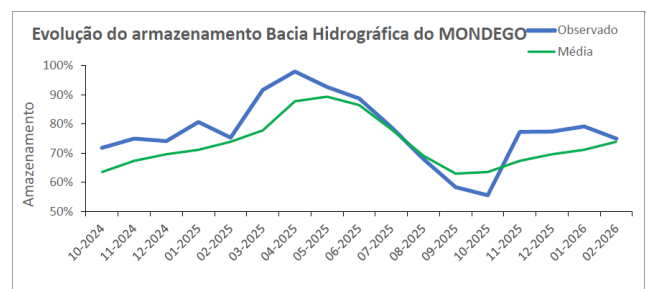
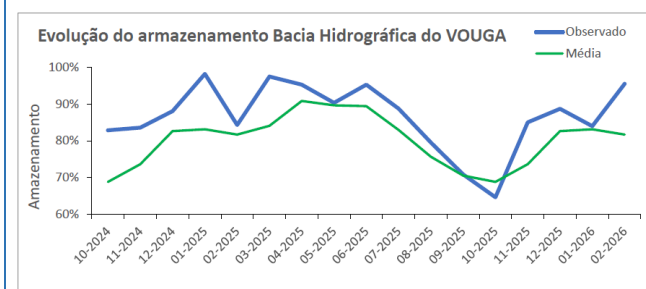
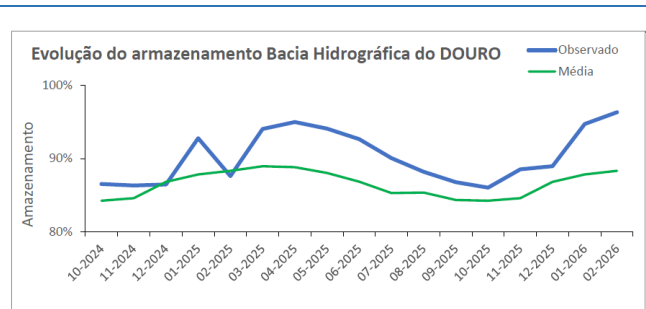


Figura 13 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 28 de fevereiro de 2026 e de 2025 (Fonte: APA)

Das 80 albufeiras monitorizadas em 28 de fevereiro de 2026, 70 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e não há nenhuma albufeira que apresente disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total.

Na Figura 14 é possível observar a evolução do volume armazenado por bacia hidrográfica desde outubro de 2024 até dia 28 do mês de fevereiro de 2026. Em **janeiro e fevereiro de 2026**, registaram-se **precipitações persistentes** em todo o país. Esta sucessão de episódios de precipitação persistente contribuiu de forma determinante para a recuperação dos níveis de armazenamento nas albufeiras. A reposição significativa das reservas hídricas constitui um sinal claro de recuperação do sistema hidrológico, após vários anos caracterizados por condições de seca e por níveis de armazenamento abaixo da média, situação que afetou de forma particularmente marcada o sudoeste de Portugal.





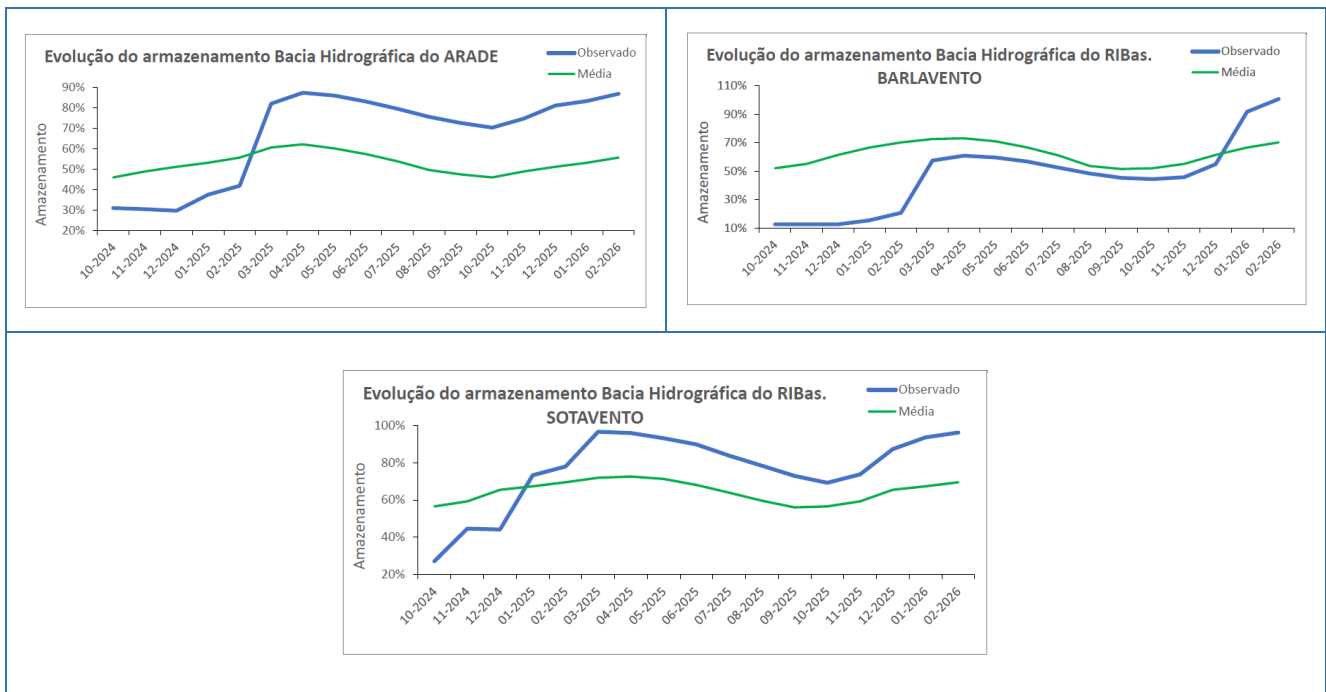


Figura 14 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2024 até 28 de fevereiro de 2026, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)

Pela relevância que assume na gestão dos recursos hídricos em Portugal, no que se refere às disponibilidades hídricas a 28 de fevereiro de 2026 armazenadas nas albufeiras na parte espanhola das bacias hidrográficas são:

- Bacias hidrográficas do **Minho e Lima Espanha** – 89,5% (em janeiro era de 78,1%);
- Bacia hidrográfica do **Douro Espanha** – 85,5% (em janeiro era de 64,4%);
- Bacia hidrográfica do **Tejo Espanha** – 83,0% (em janeiro era de 71,4%);
- Bacia hidrográfica do **Guadiana Espanha** – 85,6% (em janeiro era de 71,4).

Os volumes totais armazenados nas bacias hidrográficas espanholas aumentaram significativamente, face às precipitações persistentes na Península Ibérica.

3.1. Situação de Seca Hidrológica

De acordo com o índice de seca hidrológica referente a 28 de fevereiro de 2026, observa-se que todas as bacias hidrográficas do território continental apresentam condições normais a húmidas, com exceção da bacia do Mira, onde se regista situação de seca fraca, Figura 15.

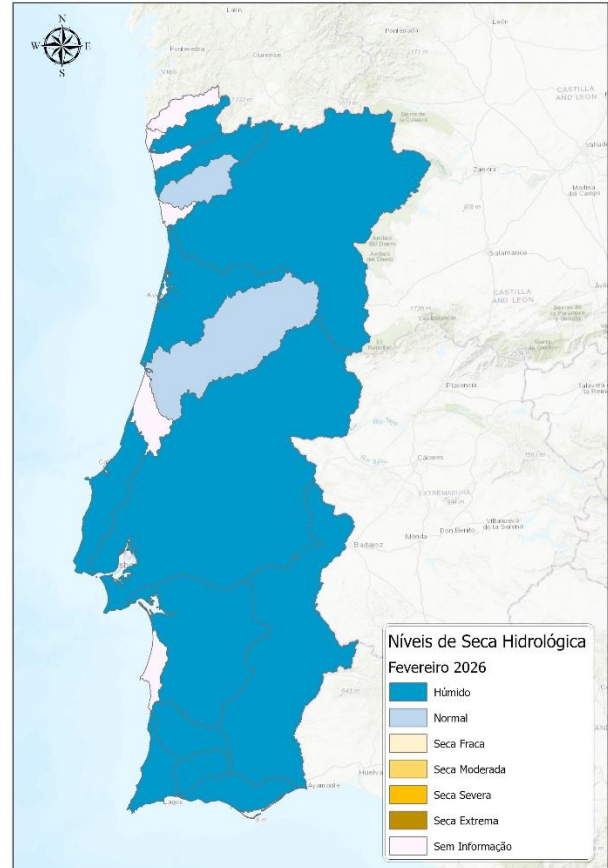
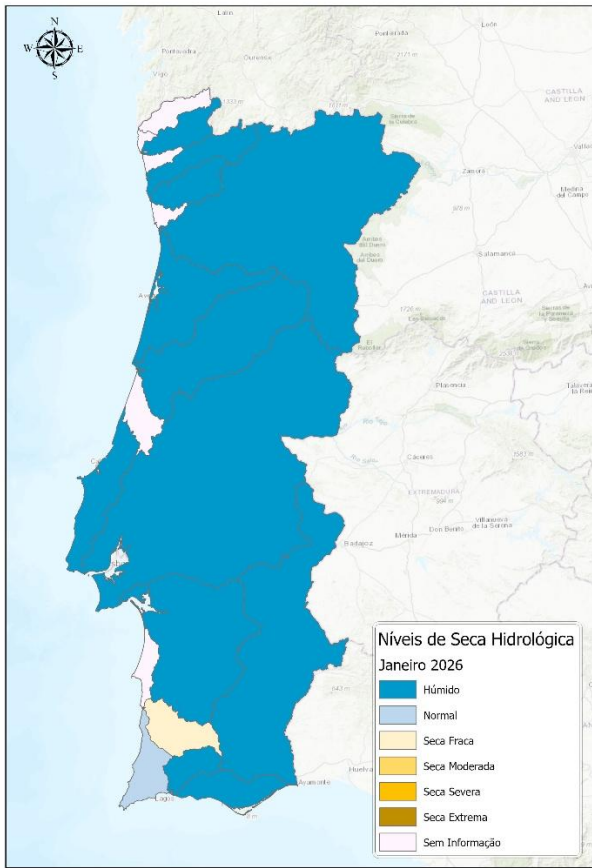
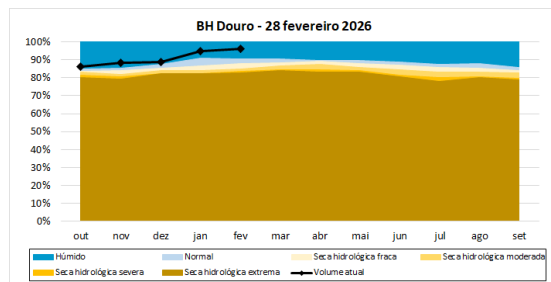
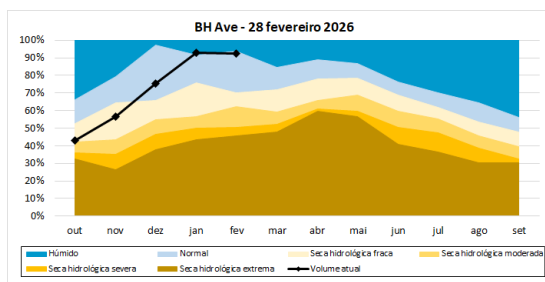
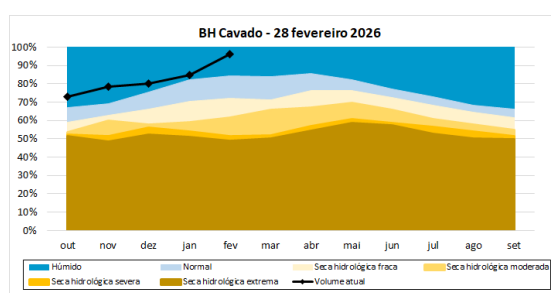
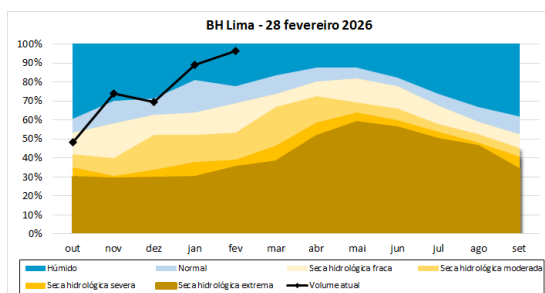


Figura 15 - Níveis de seca hidrológica no mês de janeiro (esquerda) e em fevereiro de 2026 (direita)
(Fonte: APA)

Na avaliação da evolução do nível de seca hidrológica no início do ano hidrológico de 2025/26 pode observar-se que os volumes armazenados se mantiveram, Figura 16.



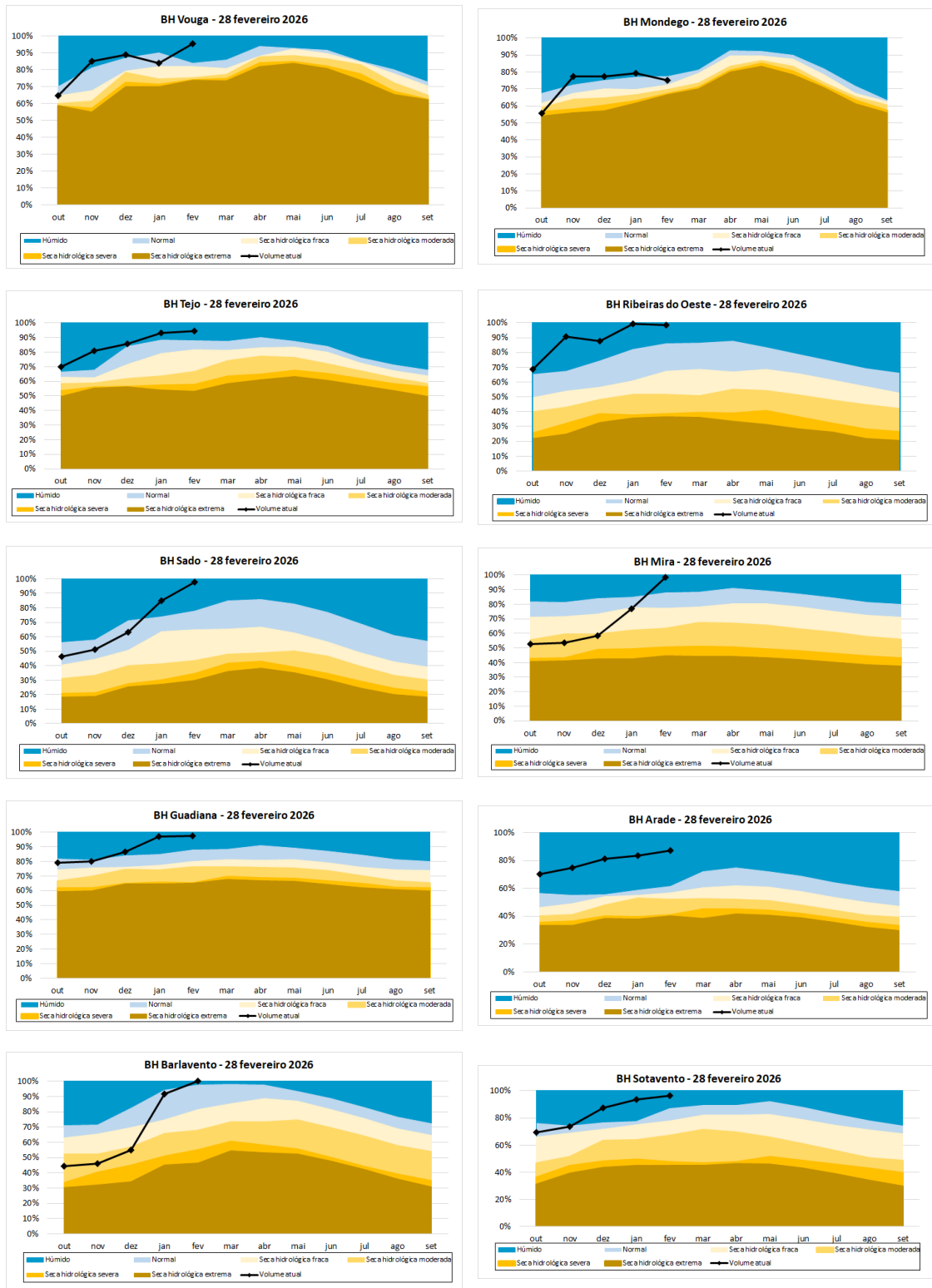


Figura 16 - Nível de armazenamento em fevereiro de 2026 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 28 de fevereiro (Fonte: APA)

3.2. Disponibilidades hídricas versus necessidades

Na albufeira do **Monte da Rocha**, na bacia do Sado e sem ligação ao Alqueva, os volumes armazenados são superiores à média, e permitem garantir o abastecimento público nos próximos dois anos, no total de 3 000 dam³. Na Figura 17 observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1990/91 a 2024/25, que ilustra bem a evolução significativa dos volumes armazenados, face aos últimos 10 anos. A albufeira apresenta um volume de armazenamento total de 102 649 dam³, ou seja, atingiu o nível de pleno armazenamento. Considerando que o volume morto é de 5 000 dam³ o volume útil disponível a 28 de fevereiro é de 97 649 dam³. O volume armazenado vai permitir garantir os usos existentes, dois anos de abastecimento público e o consumo agrícola da ordem dos 17 000 dam³, devendo-se, no entanto, continuar a promover uma utilização sustentável dos recursos, diminuindo as perdas e adaptando as culturas.

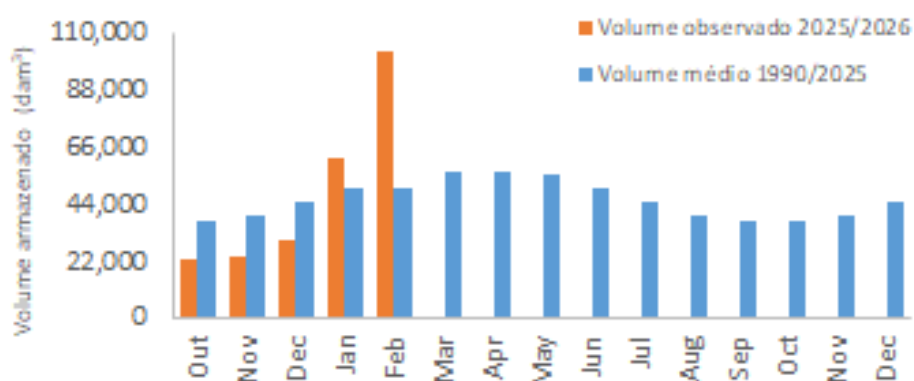


Figura 17- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)

A albufeira da **Bravura** na bacia das Ribeiras do Algarve (Barlavento), registou uma recuperação muito significativa em resultado das intensas precipitações verificadas em janeiro e fevereiro, observando-se na Figura 18, observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1959/60 a 2024/25. A albufeira apresenta um volume total de armazenamento de 35 066 dam³, considerando que o volume morto é de 2 500 dam³, o volume útil disponível a 28 de fevereiro é de 32 566 dam³, ou seja, atingiu o nível de pleno armazenamento. O volume armazenado vai permitir garantir os usos existentes, dois anos de abastecimento público cerca de 7 300 dam³ e o consumo agrícola, golfe e turismo na ordem dos 3 500 dam³, devendo-se, no entanto, continuar a promover uma utilização sustentável dos recursos, diminuindo as perdas e adaptando as culturas, continuando a incrementar o uso de ApR, nomeadamente na rega de campos de golfe e jardins.

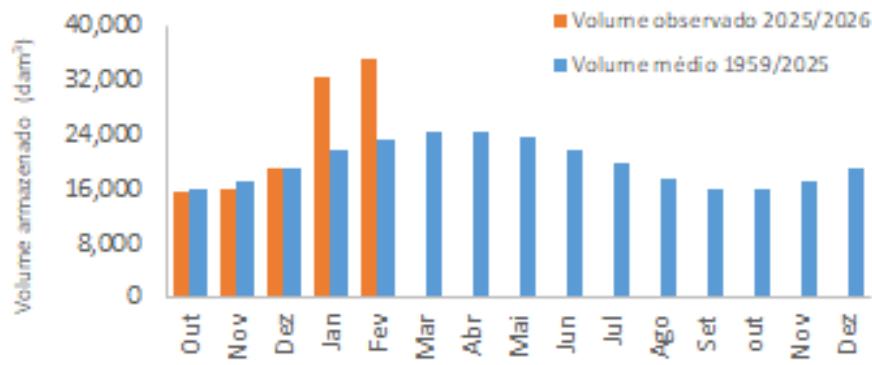


Figura 18 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura

(Fonte: APA).

Desde março de 2025, a albufeira de Santa Clara, localizada na bacia do Mira, apresenta volumes superiores ao Nível Mínimo de Exploração (NME), após ter utilizado, desde 2019, o volume armazenado abaixo desse nível. Em 2023 foram atingidos os níveis mais baixos de armazenamento total. O Acordo da Água assinado em março de 2023, entre a APA, DGADR, Águas Públicas do Alentejo, Associação Beneficiários do Mira e Câmara Municipal de Odemira, refere a necessidade de estabelecer compromissos dos principais utilizadores visando uma gestão sustentável da água no aproveitamento hidráulico, muito concretamente que, no prazo de cinco anos, seja possível recuperar um modelo de gestão sustentável à cota 116 m. Foi ainda acordado que até à cota 104 m a exploração seria feita para fins múltiplos e a partir desta cota e até à cota 102 m esse volume ficaria reservado para o abastecimento público. A cota da albufeira no final de fevereiro estava nos 129,59 m, ou seja, muito próximo do nível de pleno armazenamento, Figura 19.

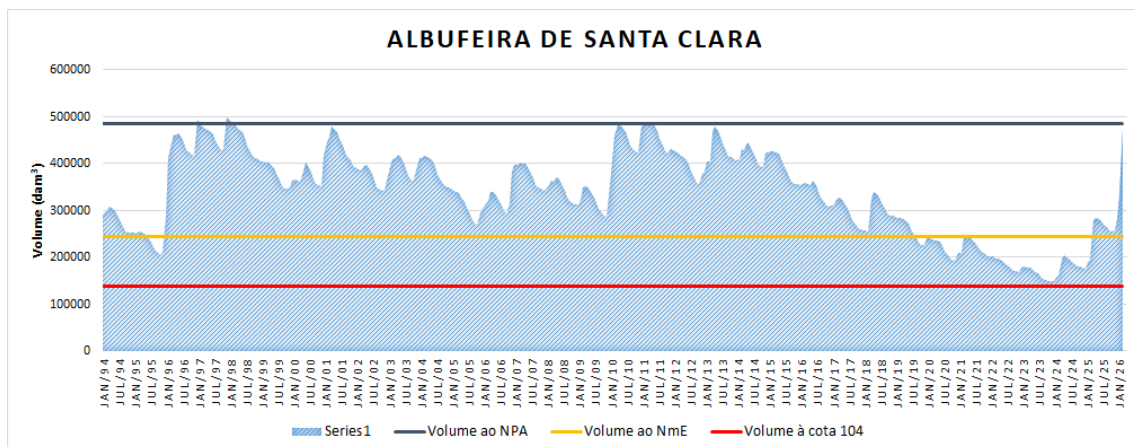


Figura 19 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 28/02/2026)

(Fonte: APA)

Num período em que se verifica um volume significativo na albufeira é a altura ideal para dar seguimento às medidas aprovadas para promover maior resiliência. Assim, foram definidas medidas para promover a eficiência da água no setor urbano em baixa (redução de 50% das perdas) e no setor agrícola (redução de 30% de perdas), bem como desenvolver o projeto que permita implementação de um novo sistema de captação na albufeira de Santa Clara, adução e tratamento de água para consumo humano dedicado, em substituição do atual com origem nos canais de rega.

Na região do Algarve os níveis de armazenamento nas seis albufeiras, com maior capacidade de regularização, recuperaram de forma muito significativa, Figura 20. A situação nesta região encontra-se na normalidade para mês de fevereiro, face à precipitação persistente, observada nos meses de janeiro e fevereiro. Observou-se recuperação significativa do volume armazenado nas albufeiras. Mantém-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica estando em avaliação a evolução da situação. É fundamental que os utilizadores façam, de acordo com as obrigações que constam nos títulos de utilização, o reporte mensal dos volumes captados. Só desta forma será possível avaliar as disponibilidades efetivamente existente face à recarga.

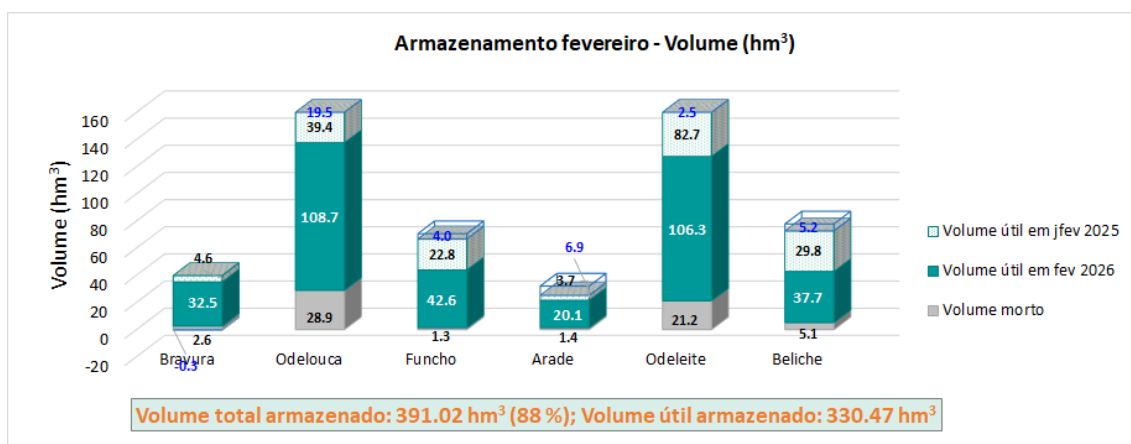


Figura 20 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 28 de fevereiro de 2026 e comparação com os valores de armazenamento observados a 28 de fevereiro de 2025 (Fonte: APA)

É importante continuar a implementar medidas de racionalização e de uma gestão com maior parcimónia da água, diminuindo drasticamente a captação de água natural e recorrer a origens alternativas, já que o seu custo será inferior aos custos associados de não haver água.

4. Águas Subterrâneas

4.1. Comparação com o mês anterior

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de janeiro e fevereiro do ano hidrológico 2025-2026., Figura 21.

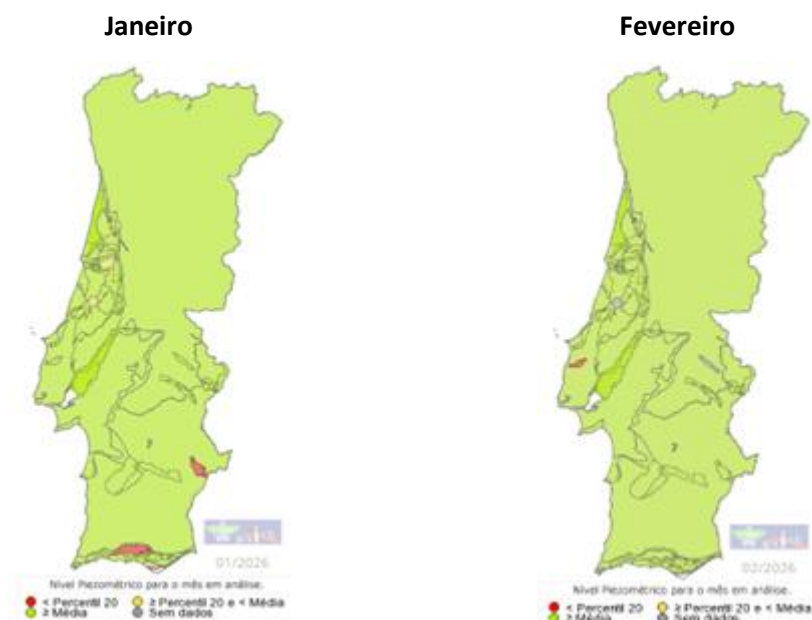


Figura 21 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre janeiro (esquerda) e fevereiro (direita) (Fonte: APA).

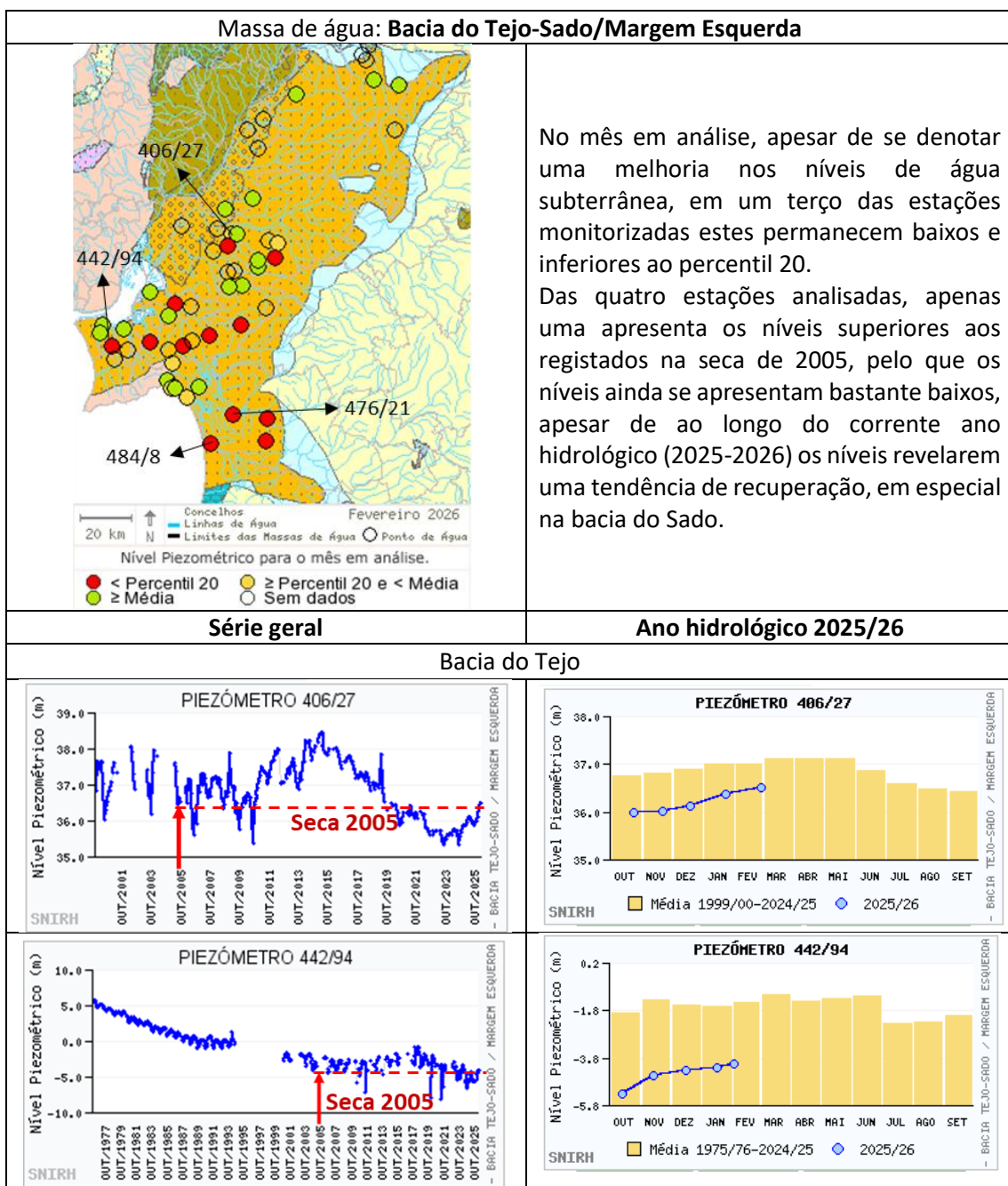
Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a maior parte do país apresenta uma melhoria significativa nos níveis de água subterrânea, com praticamente todas elas a apresentarem estes acima da média.

4.2. Análise dos níveis piezométricos

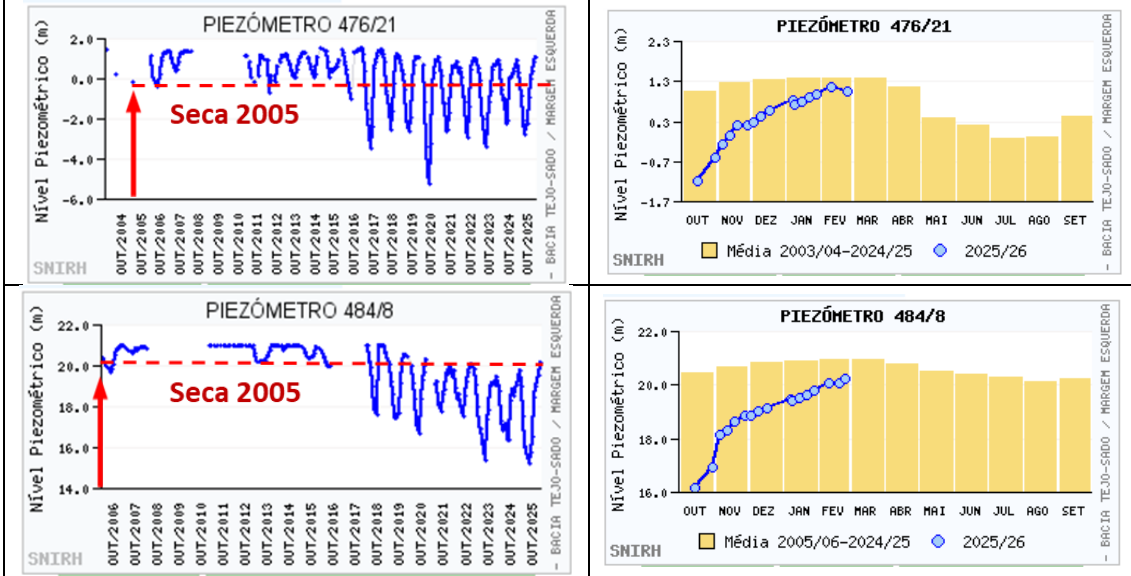
Atendendo aos dados disponíveis no mês de fevereiro de 2026, constata-se que os níveis piezométricos em **307 pontos observados em 54 massas de água subterrânea** se apresentam, na generalidade, superiores às médias mensais. No entanto na seguinte massa de água, os **níveis piezométricos encontram-se significativamente inferiores aos valores médios mensais**:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Tejo e Ribeiras do Oeste	Torres Vedras

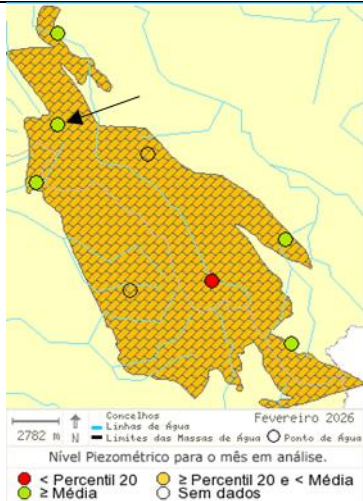
Apresenta-se, seguidamente, um detalhe da evolução dos níveis de água subterrânea nas massas de água que, apesar de neste mês apresentarem uma melhoria na subida dos níveis de água subterrânea, ainda apresentam algumas estações de monitorização com níveis significativamente baixos, inferiores ao percentil 20, indicando que a massa de água ainda não recuperou e que continuam a merecer preocupação, uma vez que estiveram muitos anos com os níveis muito profundos e as extrações se mantêm. Destacam-se, para o mês em análise, as massas de água da Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda (bacia do Tejo e Sado), Moura-Ficalho (bacia do Guadiana), Querença-Silves e Campina de Faro (bacia das ribeiras do Algarve). Importa, ainda, referir que os níveis de água subterrânea do mês em análise são comparados com o nível registado durante a seca de 2005, considerada, até ao momento, o período de seca mais severa.



Bacia do Sado



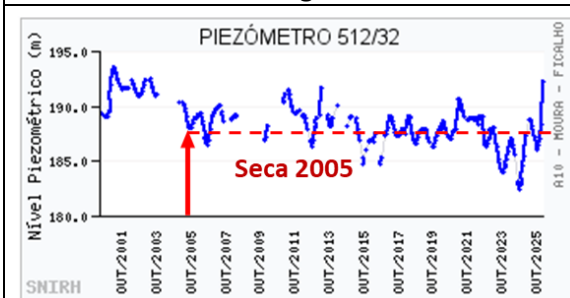
Massa de água: Moura-Ficalho



No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água registam níveis superiores à média em todas as estações monitorizadas, exceto uma onde é inferior ao percentil 20.

Ao longo do corrente ano hidrológico (2025-2026) observa-se uma tendência de recuperação nos níveis de água, encontrando-se os níveis piezométricos, no mês de fevereiro, acima dos registados na seca de 2005.

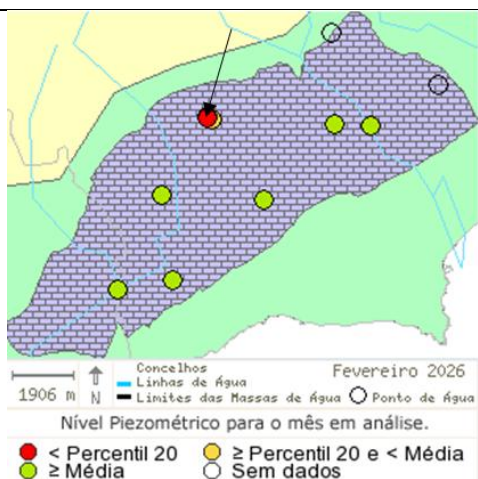
Série geral



Ano hidrológico 2025/26



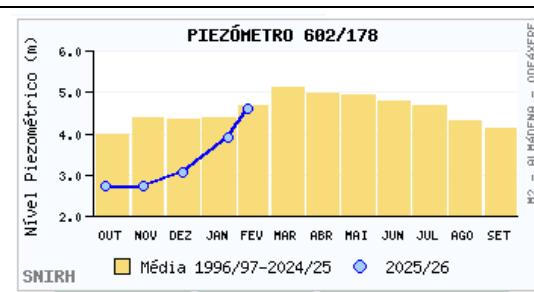
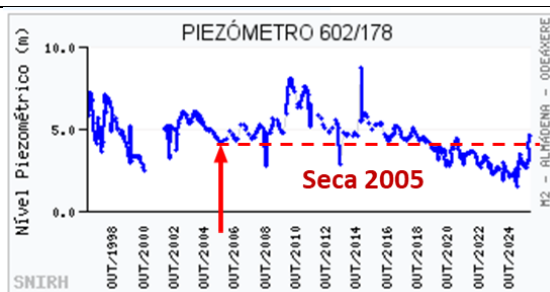
Massa de água: **Almádena-Odeáxere**



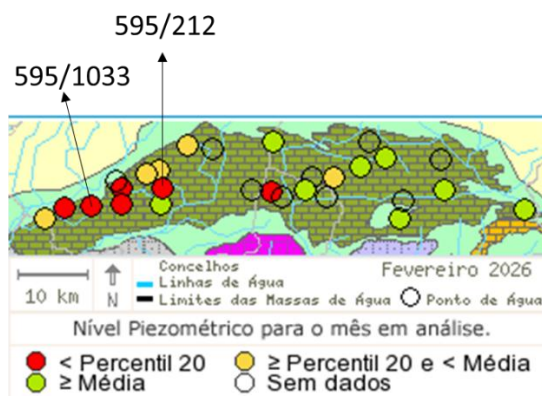
No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água apresentam uma recuperação, com a maioria das estações a mostrarem os níveis acima da média. No início do corrente ano hidrológico (2025-2026) os níveis apresentam uma tendência de subida, que se acentuou neste mês, apesar de só agora se encontrarem ligeiramente acima dos registados na seca de 2005.

Série geral

Ano hidrológico 2025/26



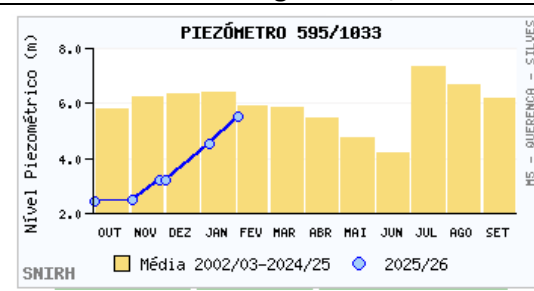
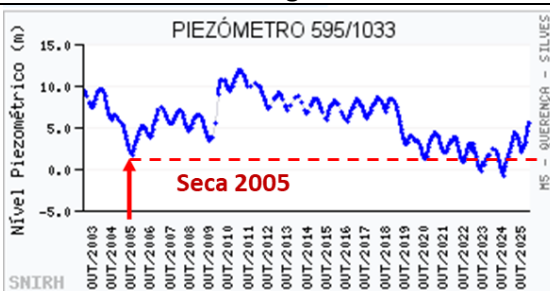
Massa de água: **Querença-Silves**

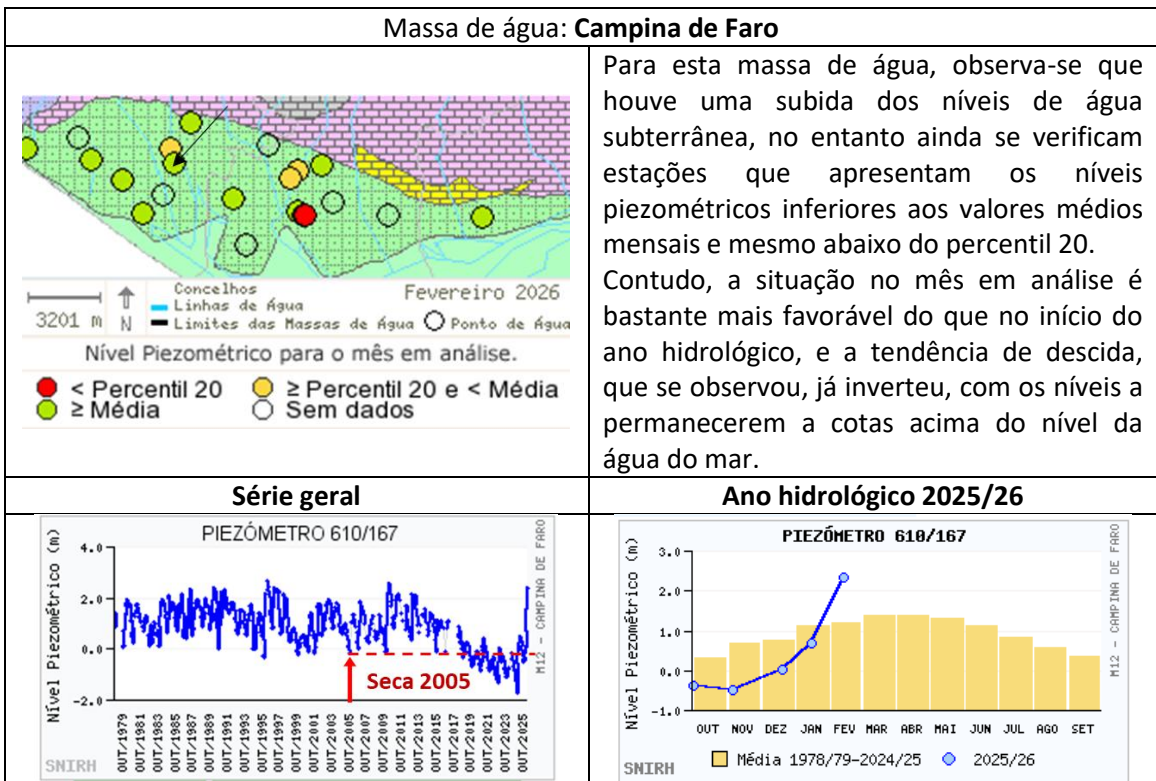
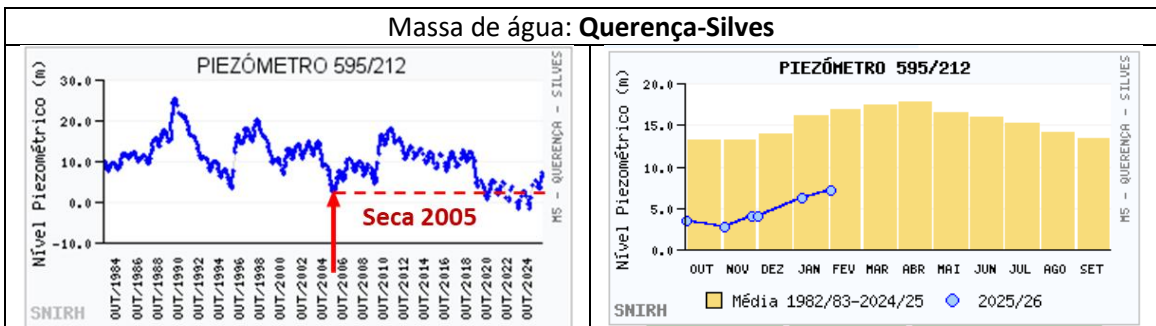


No mês de fevereiro, observa-se que na zona oeste, de descarga, houve uma subida dos níveis de água subterrânea em algumas estações de monitorização, mas ainda persistem níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20. As zonas este e central continuam a apresentar indícios de recuperação, resultantes dos eventos pluviosos, bem como por serem zonas com menor extração, em relação ao outro setor. No entanto, a situação neste mês continua mais favorável que na seca de 2005.

Série geral

Ano hidrológico 2025/26





4.3. Massas de água em situação crítica e em vigilância

A avaliação dos recursos hídricos subterrâneos disponíveis conjuga dois fatores principais: a extração de água por captação e a recarga, sendo que os recursos hídricos subterrâneos disponíveis correspondem a 80% da recarga média anual. Este balanço, entre as saídas e as entradas, reflete-se no nível de água subterrânea.

A evolução do nível de água subterrânea, ao longo dos diversos meses de um ano hidrológico, é avaliada através da medição dos níveis piezométricos, ou seja, da profundidade do nível de água em poços e furos, que constituem as estações de monitorização que fazem parte da rede de quantidade.

A avaliação da situação da massa de água subterrânea realiza-se tendo por base os dados históricos disponíveis em cada estação de monitorização. Assim, para cada mês em análise, calculam-se a média e o percentil 20 (próximo do valor mínimo registado), desde o início da série até ao ano hidrológico anterior. O valor mensal medido é comparado com os parâmetros estatísticos mencionados, podendo ser inserido numa das três classes:

- superior à média;
- entre a média e o percentil 20;
- inferior ao percentil 20.

Uma massa de água é colocada em situação crítica quando se verifica que, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, os níveis persistem inferiores ao percentil 20. Na figura seguinte ilustra-se a metodologia de avaliação e de classificação das massas de água em situação crítica e de vigilância.



Figura 22 - Metodologia de avaliação das massas de água em situação crítica e de vigilância (Fonte: APA).

1.3.1. Massas de água em situação crítica

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que existe um grupo de massas de água que devem ser colocadas em situação crítica, pois desde o início do ano hidrológico 2018-2019 que registam níveis muito baixos, não obstante poderem apresentar já alguma recuperação. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistiram, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, níveis inferiores ao percentil 20, pelo que urge continuar a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca. Neste contexto, as massas de água em situação crítica são as seguintes:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Pisões – Atrozela
Guadiana	Moura-Ficalho
Ribeiras do Algarve	Albufeira - Ribeira de Quarteira Almádena – Odeóxere Campina de Faro – Subsistema Faro Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo Covões Malhão Quarteira Querença - Silves

Face ao mês anterior, janeiro de 2026, não há alteração na lista das massas de água em situação crítica.

1.3.2. Massas de água em vigilância

Atendendo aos eventos pluviosos ocorridos, assim como nos dois anteriores anos hidrológicos, verifica-se que os níveis ainda estão a recuperar em diversas massas de água, pelo que, permanecem algumas em **vigilância**, isto é, merecem especial atenção, nomeadamente:

- **Todas as MA das Ribeiras do Algarve, exceto as que se encontram em situação crítica;**
- Vieira de Leiria – Marinha Grande (bacia do Lis).

Considera-se que as massas de água acima identificadas, ou as massas de água que nos últimos meses registam níveis de água subterrânea baixos, devem permanecer em vigilância, em especial nas bacias hidrográficas do Alentejo e Algarve. Comparando com o mês anterior, não há alteração na lista das massas de água em vigilância.

4.4. Apreciação geral

Atendendo aos eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico e no ano corrente, verifica-se que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, registam alguns indícios de recuperação, persistindo, ainda, alguns níveis baixos.

Face à situação excecional que ocorreu durante o mês de janeiro e de fevereiro, extremamente chuvosos, é necessário ter cautela, pois as massas de água subterrâneas demoram tempo a responder à precipitação e à conseqüente recarga.

De referir que **as situações que merecem maior foco de atenção se mantêm nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho e em algumas da região do Algarve**, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma consolidação da recarga, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem, ainda baixos, não obstante haver alguma recuperação.

A APA, I.P., enquanto Autoridade Nacional da Água, deve promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis, conforme os termos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 1.º, nos artigos 7.º e 8.º e na alínea b) do n.º 1 do artigo 63.º da Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro (Lei da Água), na sua redação atual.

Nesse sentido, mantêm-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica, até que se verifique uma recuperação efetiva dos níveis de água subterrânea, nos termos apresentados na figura 22.

5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola

A disponibilização de informação por parte da DGADR, reflete a preocupação crescente deste organismo, enquanto Autoridade Nacional de Regadio, em fornecer um conteúdo informativo mais abrangente, sobre os volumes totais e úteis armazenados nas albufeiras e compará-los com as necessidades em água associadas às campanhas de rega nos diversos aproveitamentos.

Os volumes apresentados possibilitam prever se a campanha de cada ano irá ocorrer normalmente ou, se pelo contrário, são antecipadas dificuldades que, segundo a sua gravidade, determinem a tomada de medidas tendentes a diminuir o consumo de água para os vários usos, nomeadamente no regadio. As albufeiras monitorizadas e avaliadas pela DGADR, que incluem empreendimentos de fins múltiplos e equiparados, estão identificadas na Figura 23.



Figura 23 - Localização das albufeiras monitorizadas pela DGADR (Fonte: DGADR)

Os armazenamentos registados no final de fevereiro nas albufeiras monitorizadas pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), estão indicados na Tabela 3. Nesta

tabela apresentam-se, também, as tendências evolutivas dos armazenamentos, em relação ao final do mês anterior, e as previsões para a campanha de rega (<http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>).

Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em fevereiro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, <http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>)

DISPONIBILIDADES HÍDRICAS					BOLETIM DE RESERVAS HÍDRICAS E REGADIO Fevereiro 2026 ANO HIDROLÓGICO 2025/2026						
Origem	Bacia	Cota (m)	Volume Total na Albufeira (hm ³)	Evolução Mensal (%)	GESTÃO DA CAMPANHA DE REGA						
					Aproveitamento	Necessidade da Campanha (hm ³)	Volume (R) Disponível (hm ³)	Estado da Campanha	Volume Consumido e Escoado (hm ³) (%)	Previsão para a Campanha 2025 (* Nível de Contingência)	
NORTE					NORTE						
Estevelhina	Douro	626,50	1.598	100%	Alfandega da Fé	1,000	1,298	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Burgo	Douro	329,00	1.540	100%	Vale da Vilarça	1,200	1,440	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Santa Justa	Douro	289,00	3.480	100%	Vale da Vilarça	1,900	2,727	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Salgueiro	Douro	222,00	1.800	100%	Vale da Vilarça	0,300	1,650	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Ribeira Grande e Arco	Douro	187,00	5.970	100%	Vale da Vilarça	1,900	4,327	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Vale Madeiro	Douro	291,00	1.510	100%	Vale Madeiro	0,900	1,423	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Arcosó	Douro	537,00	4.880	100%	Vale de Chaves	3,300	4,673	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Rego do Milho	Douro	455,00	1.900	100%	Rego do Milho	0,500	1,807	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Arimar	Douro	754,00	2.900	100%	Terminhos	1,300	2,817	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Alto	Douro	601,30	51.660	99%	Maceda de Cavaleiros	4,000	43,860	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Gostel	Douro	758,00	1.380	100%	Gostel	2,700	12,024	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Prada	Douro	931,50	0,250	100%	Prada	0,143	0,240	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Caralha	Douro	405,00	0,790	100%	Caralha	0,314	0,780	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Molhos	Douro	800,00	0,370	100%	Molhos	0,240	0,340	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Camba	Douro	620,45	1,090	100%	Camba	0,750	1,040	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Burgães	Vouga	--	--	--	Burgães	--	--	--	--	--	
CENTRO					CENTRO						
Subagol	Douro	790,48	118,842	101%	Cova da Beira	50,000	114,942	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Melmea	Douro	564,15	33,223	81%	Cova da Beira	15,000	19,323	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Agulheira	Mondego	119,03	320,530	72%	Baio Mondego	114,000	113,530	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Marechal Carmona	Tejo	255,21	76,302	98%	Idanha	40,000	75,502	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Farcão	Vouga	104,08	0,102	100%	Ribeira do Farcão	0,040	0,098	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Vermosa	Douro	684,95	2,200	100%	Vermosa	0,800	2,150	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Macleira	Mondego	143,70	0,946	100%	Ribeiras Froga e Mortágua	0,500	0,920	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Ferrelas	Vouga	482,03	0,120	100%	Perelas	0,070	0,116	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Bouça-Cova	Douro	577,10	4,867	100%	Cereje	3,000	4,684	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Alfaiates	Douro	801,08	0,854	100%	Alfaiates	0,420	0,650	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Açafal	Tejo	112,64	1,746	100%	Açafal	0,800	1,746	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Coutadas/Tamujais	Tejo	131,04	3,891	100%	Coutadas/Tamujais	1,985	3,300	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Calde	Vouga	547,25	0,589	100%	Várzea de Calde	0,150	0,556	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Maqueja	Tejo	353,60	0,134	100%	Maqueja	0,050	0,134	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
LISBOA E VALE TO TEJO					DRAP LISBOA E VALE TO TEJO						
Alvarinha	Rib. Oeste	103,70	0,689	100%	Alvarinha	0,500	0,659	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Canil	Tejo	94,10	2,729	101%	Canil	1,000	2,379	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Óbidos	Rib. Oeste	29,40	3,350	59%	Óbidos	--	--	--	--	--	
ALENTEJO					ALENTEJO						
Divor	Tejo	261,42	12,046	101%	Divor	2,700	12,036	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Magos	Tejo	16,72	3,384	100%	Magos	2,500	3,000	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Maranhão	Tejo	129,44	195,288	95%	Vale do Somalo	94,010	170,788	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Minutos	Tejo	264,00	52,200	100%	Minutos	10,000	50,100	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Montargil	Tejo	80,00	164,371	100%	Vale do Somalo	78,300	142,771	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Velos	Tejo	269,03	10,279	100%	Velos	3,700	9,182	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Alho	Sado	197,50	132,500	100%	--	--	130,000	--	--	--	
Camplilhas	Sado	107,95	26,970	99%	Camplilhas e Alto Sado	15,000	25,970	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Fonte Sarre	Sado	78,46	5,104	99%	Camplilhas e Alto Sado	2,000	3,604	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Miguéis	Sado	156,00	0,939	100%	Camplilhas e Alto Sado	0,800	0,825	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Monte Gato	Sado	179,60	0,653	100%	Camplilhas e Alto Sado	0,600	0,597	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Monte de Rocha	Sado	136,98	102,538	100%	Camplilhas e Alto Sado	25,000	97,538	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Odivelas	Sado	102,33	89,730	91%	Odivelas	44,000	63,730	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Fego do Alto	Sado	51,41	85,690	91%	Vale do Sado	50,000	85,290	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Roxo	Sado	136,03	96,763	100%	Roxo	50,000	89,963	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Vale do Gato	Sado	40,49	62,940	100%	Vale do Sado	35,000	54,940	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Corte Brique	Mira	134,56	1,633	100%	Mira	1,000	1,440	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Santa Clara	Mira	129,60	477,302	98%	Mira	50,000	232,602	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Abilongo	Guadiana	251,75	19,440	98%	--	--	18,440	--	--	--	
Alqueva	Guadiana	151,91	4114,984	99%	EMA	590,000	3114,984	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Luçefecil	Guadiana	181,70	9,782	90%	Luçefecil	6,000	9,182	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Cola	Guadiana	232,44	183,578	90%	Cola	40,000	172,878	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Vigia	Guadiana	223,95	16,566	99%	Vigia	8,200	15,420	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Aparafadura	Tejo	594,99	6,985	100%	Marvão-Aparafadura	2,000	6,500	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
ALGARVE					ALGARVE						
Belche	Guadiana	50,61	42,831	83%	Sotavento Algarvio	19,000	42,431	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Odeleite	Guadiana	51,42	127,520	98%	Sotavento Algarvio	35,000	114,520	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Avareira	Odeleite	84,19	35,095	101%	Alvor	2,000	32,530	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Arade (Súves)	Arade	58,88	21,510	96%	Súves Logoa e Parfimão	15,000	19,865	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Funchal	Arade	94,86	43,790	92%	--	--	38,800	--	--	--	
Odeleite	Arade	95,36	137,29	91%	--	--	108,454	--	--	--	
Mulhada do Peres	Rib. Algarve	63,81	0,46	100%	Mulhada do Peres	0,200	0,460	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	
Pessegueiro	Guadiana	239,00	0,30	100%	Pessegueiro	0,110	0,249	Terminado	0,000 0%	Campanha assegurada a 100%	

***Níveis de contingência:**

- Nível 0 - Déficit hídrico reduzido ou inexistente ● >= 80 %
- Nível 1 - Déficit hídrico pouco significativo ● Entre 80 % e 60 %
- Nível 2 - Déficit hídrico significativo (restrições) ● Entre 60 % e 30 %
- Nível 3 - Déficit hídrico relevante (esgotamento) ● <= 30 %

Notas:

- 1 Captação direta em rio ou ribeira
- 2 Captação Subterránea
- 3 Restrições ao Enchimento - RSB

Evolução Semanal:

- ↑ Subida de Nível
- ↔ Manutenção de Nível
- ↓ Descida de Nível

Observações complementares:

Perdas por evaporação baseadas em observações evaporimétricas específicas (Anúrios dos Serviços Hidráulicos, DGRAH, 1979)

5.1. Análise dos dados hidrométricos

Neste mês verificou-se uma tendência de descida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 13 a subir, 20 a descer e 31 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre -8 % (Aguieira) e 1 % (Minutos). A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -11% (Caia) e 16% (Monte de Rocha).

A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, nenhuma das albufeiras hidroagrícolas tinham armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental, Figura 24, designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

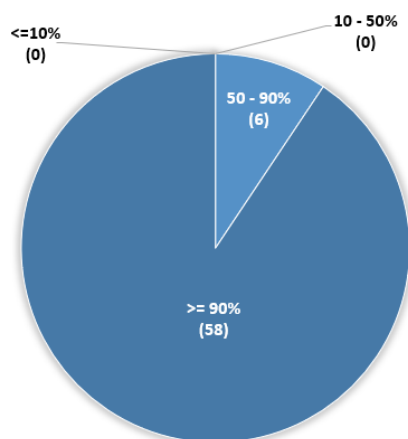


Figura 24 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

5.2. Planeamento de contingência

Excluindo as albufeiras do Alqueva e da Aguieira (sem gestão direta dos agricultores), entre os aproveitamentos analisados, a albufeira de Santa Clara, na bacia hidrográfica do rio Mira, é aquela que apresenta maior volume armazenado 477,30 hm³, o qual em termos de volume total corresponde a 98% do seu pleno armazenamento (485 hm³). De referir que a albufeira de Santa Clara, é a que possui maior volume útil a data deste relatório 232,60hm³.

Na Figura 25 podemos observar a evolução dos volumes armazenados, desde o início do ano hidrológico, tanto no EFMA como nos restantes aproveitamentos hidroagrícolas.

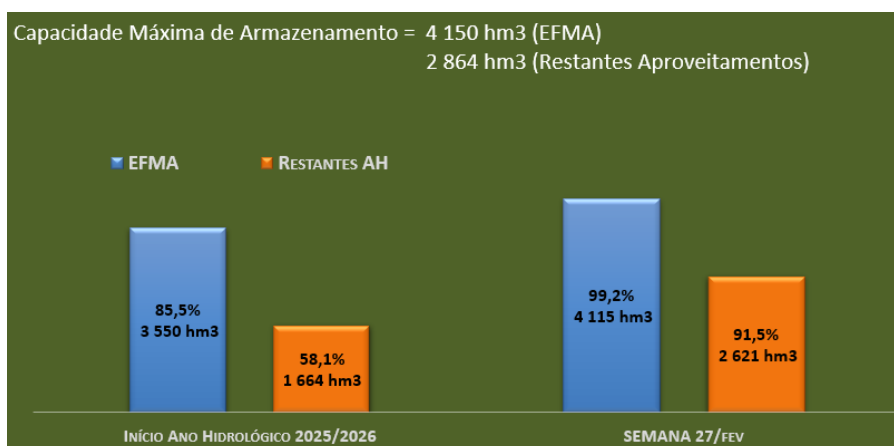


Figura 25 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

Neste mês, não existem albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) nem com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Aguieira.

Síntese do ponto de situação das albufeiras do grupo IV monitorizadas pelas DRAP Norte e Centro

Na Tabela 4 apresenta-se o ponto de situação das albufeiras do **Grupo IV** dos perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN).

Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (24 de fevereiro de 2026), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm3)	Volume Útil (hm3)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 24.02.2026 (hm³)	Volume a 27.02.26 (hm³)	Varição (hm³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm3)	%	
Alfândega da Fé	Camba	620,43	1,09	1,06	620,39	1,09	1,09	↔	0,00	100,00	1,06	100,00%
Bragança	Gostei	758,00	1,38	1,37	738,00	1,38	1,20	↑	0,18	100,00	1,37	100,00%
Vinhais	Prada	931,50	0,25	0,24	931,50	0,25	0,25	↔	0,00	100,00	0,24	100,00%
Chaves	Curalha	405,00	0,79	0,78	405,00	0,70	0,79	↔	0,00	100,00	0,78	100,00%
Chaves	Mairos	800,00	0,37	0,36	800,00	0,37	0,37	↔	0,00	100,00	0,36	100,00%

Na Tabela 5 indica-se a percentagem de água disponível relativamente à capacidade total das albufeiras do **Grupo IV**, de perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC), no mês de janeiro.

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm ³)	Volume Útil (hm ³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 27.02.26 (hm ³)	Volume a 30.01.26 (hm ³)	Varição (hm ³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm ³)	%	
Anadia	Porção	104,00	0,10	0,10	104,08	0,10	0,10	↔	0,0	100,0%	0,10	100,0%
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,13	0,13	353,60	0,13	0,13	↔	0,0	100,0%	0,13	100,0%
Figueira Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,20	2,15	684,95	2,20	2,20	↔	0,0	100,0%	2,15	100,0%
Mortágua	Macieira	143,60	0,95	0,92	143,70	0,95	0,95	↔	0,00	100,0%	0,92	100,0%
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,12	0,12	482,03	0,12	0,12	↔	0,00	100,0%	0,12	100,0%
Pinhel / Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,87	4,68	577,10	4,87	4,87	↔	0,0	100,0%	4,68	100,0%
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,85	0,65	801,08	0,85	0,85	↔	0,00	100,0%	0,65	100,0%
Vila Velha de Rodão	Açafal	112,60	1,75	1,75	112,64	1,75	1,75	↔	0,00	100,0%	1,75	100,0%
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujaís	131,00	3,89	3,30	131,04	3,89	3,89	↔	0,0	100,0%	3,30	100,0%
Viseu	Calde	547,20	0,59	0,56	547,25	0,59	0,59	↔	0,00	100,0%	0,56	100,0%

6. Agricultura e Pecuária

Neste capítulo apresenta-se a evolução das atividades agrícolas no final de fevereiro, em termos qualitativos, com indicação também de alguns valores das variações de área semeada, de produtividade e de produção face ao ano anterior (Anexos II e III).

6.1. Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado

As condições agrometeorológicas observadas durante o mês de fevereiro, marcadas por precipitação elevada e conseqüente saturação hídrica dos solos, não beneficiaram o desenvolvimento das parcelas semeadas e impossibilitaram a realização de algumas sementeiras planeadas. As áreas instaladas com cereais para grão registaram uma redução expressiva face à campanha anterior, com particular incidência nas culturas de aveia, trigo mole, tritcale e cevada. Assim, prevê-se uma redução das áreas semeadas de cereais praganosos e uma redução do potencial produtivo das culturas, podendo refletir-se numa diminuição muito acentuada dos rendimentos finais da campanha.

6.2. Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

As condições meteorológicas, nomeadamente a precipitação constante, não permitiram o aumento da área semeada de pastagens, nem de culturas forrageiras, iniciadas entre outubro/novembro.

Os prados, pastagens e culturas forrageiras, de forma generalizada, continuavam a apresentar um desenvolvimento vegetativo muito estagnado, sendo que a saturação do solo impediu a multiplicação célula e a impossibilidade de efetuar adubações, cuja aplicação só foi possível nos últimos dias do mês.

Ainda assim, o fim do mês trouxe algum desenvolvimento vegetativo, quer nas sementeiras, quer nas pastagens espontâneas. Prevê-se uma diminuição da área semeada do azevém, aveia e consociações forrageiras, por comparação como ano passado.

A disponibilidade de matéria verde para alimentação animal, também continuou limitada devido ao alagamento excessivo dos solos, sendo predominantemente assegurada por silagens, fenos, e complementados com rações industriais e alguns suplementos vitamínicos. Apenas, as pastagens de sequeiro e as pastagens pobres localizadas em zonas de encosta e solos bem drenados, apresentavam razoáveis condições para a prática do pastoreio direto ou para o corte de matéria verde.

6.3. Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Entre o Douro e Minho, terminou a colheita das tangerinas e clementinas. As condições climatéricas foram muito desfavoráveis e registou-se nas últimas semanas uma queda acentuada de frutos, provocada pela ação do vento e do Míldio dos Citrinos (*Phytophthora*) ou aguado.

Em Trás-os-Montes, a laranja estava pronta para consumo, com uma produção que poderá chegar até ao mês de abril.

Na região Centro, a produção registou quebras em quantidade e redução da qualidade, sobretudo devido ao encharcamento, à pressão de doenças e aos efeitos diretos da tempestade *Kristin*.

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, os pomares de limão encontravam-se no pico da colheita e a decorrer com normalidade. Constatou-se que houve muita queda de frutos, especialmente durante a primeira quinzena, devido ao período de chuva bastante intensa e ao vento forte. À exceção do Médio Tejo, onde se perspectiva uma produtividade ligeiramente superior à campanha, a restante região da LVT estimava-se uma produtividade bastante baixa. Em relação, aos pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) instalados em solos bem drenados, não se ressentiram do excesso de chuva e recuperam face ao mês anterior, apresentando um bom aspeto vegetativo.

No Alentejo, nos pomares de citrinos, os indicadores de produtividade situam-se dentro dos parâmetros médios de referência.

Na região do Algarve, devido às condições climáticas adversas as colheitas dos citrinos tiveram de ser interrompidas. Perspetiva-se o seu retorno no decorrer do mês de março, caso haja as condições o permitam.

Olival

Os olivais entraram em repouso vegetativo e os agricultores iniciaram às podas, embora com bastante dificuldade devido à precipitação frequente. Com o vento forte causado pela passagem da depressão *Kristin* verificou-se alguma queda de oliveiras, nomeadamente na região Centro e no Oeste.

➤ Norte

Os olivais entraram em repouso vegetativo e os agricultores iniciaram às podas, embora com bastante dificuldade devido à precipitação frequente. Com o vento forte causado pela passagem da depressão *Kristin* verificou-se alguma queda de oliveiras, nomeadamente na região Centro e no Oeste.

➤ Centro

Na região Centro a produtividade foi bastante heterogénea, registando-se melhores rendimentos nas zonas do litoral e de transição, e piores rendimentos nas zonas do interior.

No geral, a qualidade da azeitona para azeite foi superior ao ano anterior e, por conseguinte, o azeite produzido foi de boa qualidade.

Neste momento, a cultura encontra-se a iniciar o seu ciclo anual, sendo já visíveis os novos brotos. Tal como referido no último relatório, a passagem da depressão *Kristin* arrancou milhares de oliveiras. Os agricultores – dentro das suas possibilidades – tentam replantar parte das árvores caídas, optando por podas severas para equilibrar a planta, face à perda de raizame.

➤ Lisboa e Vale do Tejo

A campanha em termos quantitativos foi significativamente superior à do ano anterior, com produtividades médias mais elevadas especialmente nos olivais tradicionais e/ou centenários que caracterizam a região, sendo os principais responsáveis por esse aumento. Os novos olivais tradicionais de sequeiro com maior densidade de oliveiras, também registaram uma maior produtividade, embora não tão expressiva. A qualidade do azeite foi muito boa.

Nomeadamente no Oeste, em termos globais, a produção de azeite foi menor relativamente à campanha anterior, refletindo em algumas situações um ano de contrassafra, mas também o efeito de condições climáticas adversas, designadamente as elevadas temperaturas ocorridas durante os meses de verão e a ausência prolongada de precipitação até ao outono, a que se seguiram níveis elevados de precipitação no decurso da colheita. De um modo geral, também o azeite foi de elevada qualidade.

➤ **Alentejo**

Na presente campanha verificou-se se uma redução da produção de azeitona na ordem dos 10% face à campanha anterior, apesar do acréscimo da área em produção. A contração da produção global nesta campanha enquadra-se num ano de contrassafra, sendo adicionalmente condicionada por fatores climáticos adversos.

Destacam-se temperaturas anormalmente elevadas durante a fase de vingamento, com impacto na taxa de fixação do fruto, bem como precipitação excessiva no período de maturação e colheita.

Não obstante estes condicionalismos, antecipa-se a produção de azeite com parâmetros qualitativos globalmente positivos. Registaram-se fundas médias superiores às da campanha anterior.

➤ **Algarve**

A produção foi superior, resultado de ser um ano de safra e de um ano abundante em precipitação, que permitiu ao olival (maioritariamente de sequeiro) beneficiar do enquadramento em termos edafo-climáticos.

Comparativamente ao ano anterior, houve um aumento para cerca de 420%.

6.4. Abeberamento dos animais

No mês de fevereiro, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

7. Outras Informações

Neste capítulo do relatório de monitorização é incluída informação considerada relevante em função da situação de seca em presença, não enquadrável nos temas dos capítulos anteriores.

7.1 Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros

A utilização de veículos autotanque para reforço do abastecimento (por injeção de água em reservatórios ou instalações de tratamento) é uma prática corrente de diversas entidades gestoras, as quais recorrem a recursos próprios, a meios das autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), a veículos detidos por privados ou, mais comumente, a veículos dos Corpos de Bombeiros.

No mês de fevereiro de 2026, foram reportadas 917 operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros, valor que corresponde a um aumento de cerca de 105% face ao mês precedente e de cerca de 456% comparativamente com a média de igual período de anos anteriores, conforme ilustrado na Figura 26.

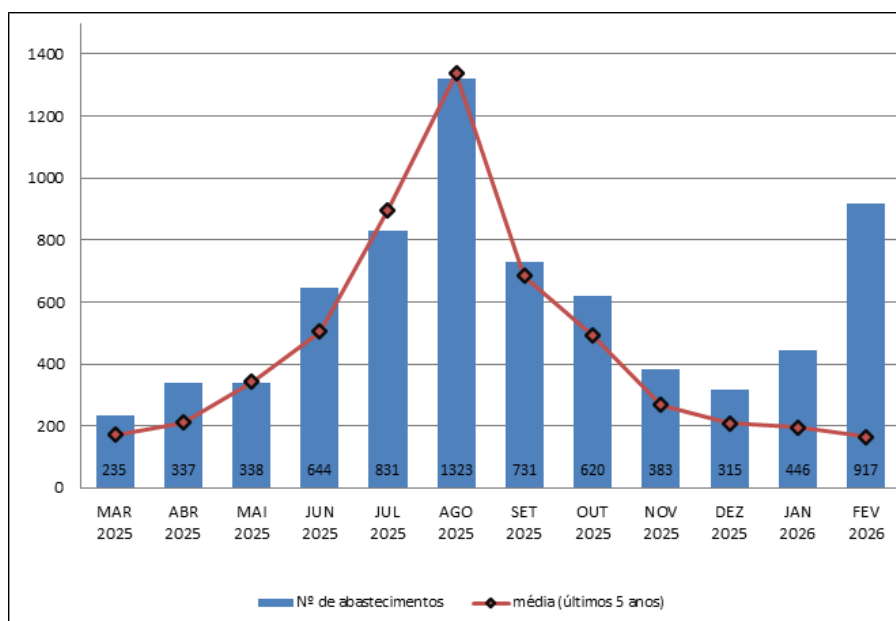


Figura 26 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC)

Numa análise distrital, verifica-se que os distritos de Lisboa (291), Leiria (149), Setúbal (104), Aveiro (80) e Castelo Branco (44) são aqueles que registaram um maior número de abastecimentos mensais efetuados por Corpos de Bombeiros. Importa notar, contudo, que não é possível garantir que todas as operações de abastecimento efetuadas pelos Corpos de Bombeiros

têm por finalidade o abastecimento público à população, ou que, tendo esse propósito, tal abastecimento decorra diretamente da situação de seca.

Em particular, importa salientar que dos 917 abastecimentos registados, cerca de 544 (59%) ocorreram nos distritos de Lisboa, Leiria e Setúbal, áreas que foram fortemente afetadas pelo impacto das sucessivas depressões que afetaram Portugal Continental. Neste contexto, supostamente muitos desses abastecimentos tiveram como finalidade suprir eventuais constrangimentos funcionais vivenciados pelos sistemas de abastecimento de água para consumo humano, resultantes dos efeitos adversos dos referidos eventos meteorológicos extremos.

Os municípios que registaram maior número de operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros no mês em causa foram:

- Sobral de Monte Agraço – 174 abastecimentos;
- Alcácer do Sal – 76 abastecimentos;
- Anadia – 62 abastecimentos;
- Torres Vedras – 58 abastecimentos;
- Leiria – 37 abastecimentos;
- Arruda dos Vinhos – 36 abastecimentos.

7.2 Abastecimento público

Neste capítulo pretende-se apresentar o ponto da situação mensal e a evolução entre 2023 e 2026, relativo aos volumes armazenados nas albufeiras onde as empresas do grupo Águas de Portugal captam água para abastecimento público, constando ainda:

- Identificação das albufeiras vulneráveis;
- Avaliação dos volumes totais armazenados por empresa face ao histórico;
- Avaliação dos volumes armazenados totais e úteis, por albufeira, relativos ao mês de fevereiro de 2026.

Nas tabelas e figura seguintes sintetizam-se a informação compilada e analisada.

Tabela 5 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 28/02/2026 (Fonte: AdP)

Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, vários usos	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, vários usos.	Albufeiras no limiar dos 40%, mas que poderão ter problemas com a qualidade de água ou importa manter sob vigilância
-	Alvão Cimeira - 37,01%	-		

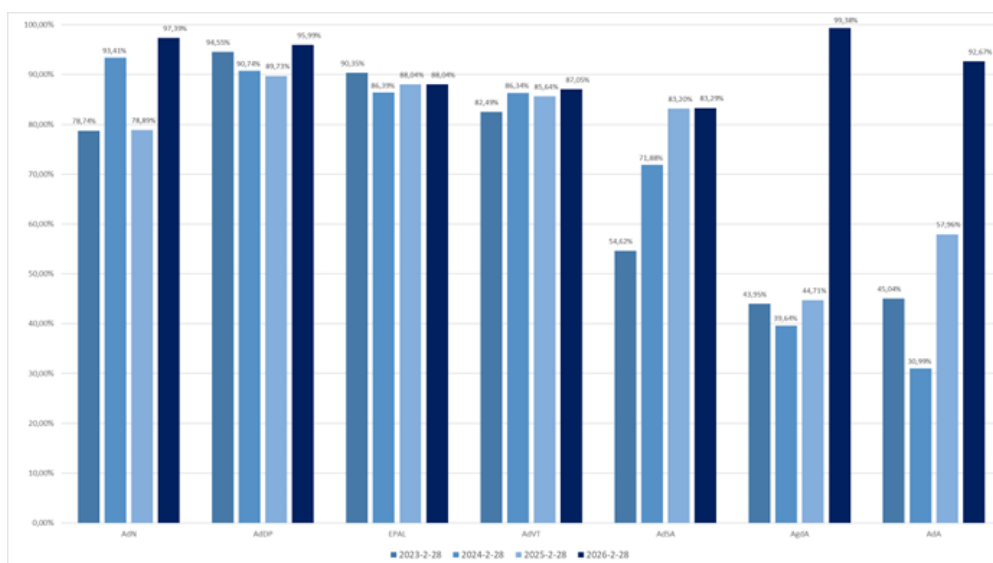


Figura 27 - Volume total armazenado (valores médios) a 28/02 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2023 e 2026 (Fonte: AdP)

**Tabela 6 - Ponto de situação, a 28/02, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público:
volum total armazenado (hm³ e %) (comparação entre 2023 e 2026) (Fonte: AdP).**

Empresa	Aproveitamento Hidráulico	Bacia Hidrográfica	28 fevereiro							
			2023		2024		2025		2026	
			hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%	hm ³	%
AdN	Alijó (Vila Chã)	Douro	1,74	100,09%	1,75	100,64%	1,74	100,18%	1,76	101,26%
	Alto Rabagão	Cávado	429,15	75,46%	527,36	92,73%	426,00	74,91%	562,52	98,91%
	Alvão-Cimeira	Douro	1,41	96,61%	1,47	100,70%	1,46	100,00%	0,54	37,01%
	Alvão-Fundeira	Douro	0,11	86,98%	0,13	100,00%	0,13	99,77%	0,09	65,46%
	Arcossó	Douro	4,87	99,90%	4,88	100,00%	4,43	90,90%	4,88	100,00%
	Arroio	Douro	0,15	100,00%	0,15	100,00%	0,15	99,71%	0,15	100,30%
	Azibo	Douro	50,91	93,47%	50,91	93,47%	51,27	94,12%	51,27	94,12%
	Camba	Douro	1,11	100,00%	1,12	100,71%	1,05	95,03%	1,11	100,00%
	Ferradosa	Douro	0,71	99,89%	0,71	99,94%	0,71	99,79%	0,72	100,62%
	Lumiares (Armamar)	Douro	2,40	82,70%	2,70	92,97%	2,12	73,23%	2,90	100,17%
	Olgas	Douro	0,94	100,00%	0,94	100,37%	0,94	100,21%	0,95	101,67%
	Palameiro	Douro	0,24	100,95%	0,24	101,91%	0,24	100,96%	0,24	102,87%
	Peneireiro	Douro	0,53	68,71%	0,54	70,66%	0,58	76,07%	0,76	99,46%
	Pinhão	Douro	4,20	99,13%	4,28	101,06%	4,28	100,91%	4,27	100,61%
	Pretarouca	Douro	3,90	121,18%	3,13	97,24%	3,11	96,71%	3,12	96,84%
	Queimadela	Ave	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%
	Salgueiral	Douro	0,13	97,14%	0,13	100,00%	0,13	100,99%	0,13	100,99%
	Sambade	Douro	1,12	96,62%	1,16	100,21%	0,92	79,05%	1,16	100,51%
	Serra Serrada	Douro	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,18%
	Sordo	Douro	0,87	87,33%	1,03	103,23%	0,89	89,32%	0,91	91,18%
	Touvedo	Lima	10,86	70,06%	12,31	79,42%	14,70	94,84%	12,07	77,85%
Vale Ferreiros	Douro	1,10	91,72%	1,05	87,57%	1,06	88,39%	1,20	100,06%	
Valtorno-Mourão	Douro	1,12	100,09%	1,12	100,18%	1,11	99,44%	1,12	100,00%	
Veiguiñas	Douro	3,76	101,57%	3,90	105,35%	3,81	103,05%	3,80	102,76%	
Venda Nova	Cávado	73,60	77,89%	90,76	96,04%	72,40	76,62%	86,95	92,01%	
Vilar	Douro	85,41	85,63%	95,72	95,96%	88,40	88,62%	99,36	99,61%	
AdDP	Crestuma-Lever	Douro	104,00	94,55%	99,82	90,74%	98,70	89,73%	105,59	95,99%
EPAL	Castelo de Bode	Tejo	989,30	90,35%	945,98	86,39%	964,00	88,04%	964,00	88,04%
AdVT	Apartadura	Tejo	6,99	93,61%	7,47	100,00%	7,46	99,95%	7,46	99,95%
	Cabril	Tejo	562,58	78,14%	612,00	85,00%	608,00	84,44%	608,00	84,44%
	Caia	Guadiana	186,44	91,84%	183,21	90,25%	173,76	85,60%	182,83	90,06%
	Caldeirão	Mondego	4,25	76,99%	5,39	97,64%	5,55	100,51%	4,79	86,81%
	Capinha	Tejo	0,50	100,00%	0,50	100,00%	0,50	100,00%	0,50	100,00%
	Corgas	Tejo	0,34	65,06%	0,33	49,68%	0,33	65,13%	0,52	100,00%
	Fumadinha	Vouga	0,29	100,00%	0,29	100,00%	0,29	100,00%	0,29	100,00%
	Marateca (St.ª Águeda)	Tejo	37,20	100,00%	36,78	98,86%	37,20	100,00%	37,20	100,00%
	Meimão	Tejo	32,92	84,42%	32,92	84,42%	32,92	84,42%	32,94	84,47%
	Monte Novo	Guadiana	13,85	90,63%	13,89	90,95%	12,78	83,65%	14,62	95,72%
	Penha Garcia	Tejo	1,08	101,33%	1,09	101,91%	1,09	101,91%	1,07	100,00%
	Pisco	Tejo	1,20	100,00%	1,20	100,00%	1,11	79,50%	1,21	100,74%
	Póvoa e Meadas	Tejo	10,30	53,37%	13,11	67,93%	11,59	60,05%	11,59	60,05%
	Ranhados	Douro	2,96	102,78%	2,89	100,28%	2,60	90,36%	2,88	100,00%
	Sabugal	Douro	103,02	90,13%	105,18	92,02%	118,33	103,53%	114,30	100,00%
	Santa Luzia	Tejo	45,11	84,00%	43,47	80,96%	39,39	73,35%	39,39	73,35%
Vascoveiro	Douro	3,17	100,12%	3,17	100,12%	3,17	100,12%	3,17	100,12%	
Vigia	Guadiana	10,59	63,33%	7,72	46,16%	5,86	35,05%	16,57	99,05%	
AdSA	Morgavel	Ribeiras do Alentejo	17,75	54,62%	23,36	71,88%	27,04	83,20%	27,07	83,29%
AgdA	Alvito	Sado	127,54	96,26%	99,23	74,89%	101,61	76,69%	132,50	100,00%
	Enxoé	Guadiana	9,79	80,91%	8,39	80,67%	10,33	85,40%	12,70	104,98%
	Monte Clérigo	Guadiana	0,14	35,32%	0,15	37,06%	0,32	79,55%	0,41	100,00%
	Monte da Rocha	Sado	10,89	10,60%	11,40	11,10%	14,86	14,46%	102,65	99,89%
	Roxo	Sado	36,65	38,05%	51,97	53,95%	47,28	49,09%	96,91	100,62%
Santa Clara	Mira	178,64	36,83%	156,88	32,34%	195,52	40,31%	477,11	98,37%	
AdA	Beliche	Guadiana	24,49	51,02%	15,45	32,18%	34,87	72,65%	42,97	89,53%
	Bravura	Ribeiras do Algarve	4,55	13,07%	3,29	9,44%	7,20	20,69%	35,07	100,69%
	Odeleite	Guadiana	76,20	58,62%	50,64	38,88%	103,94	79,95%	127,28	97,91%
	Odelouca	Arade	61,34	39,07%	45,25	28,82%	68,34	43,53%	137,39	87,51%

Nas figuras seguintes apresentam-se os volumes armazenados totais e úteis por albufeira relativo ao mês de fevereiro de 2026, bem como a respetiva capacidade de armazenamento.

No quadro seguinte sistematizam-se as situações consideradas como “Prioritárias” ou “Em vigilância” bem como as respetivas medidas, à data de 28 de fevereiro de 2026.

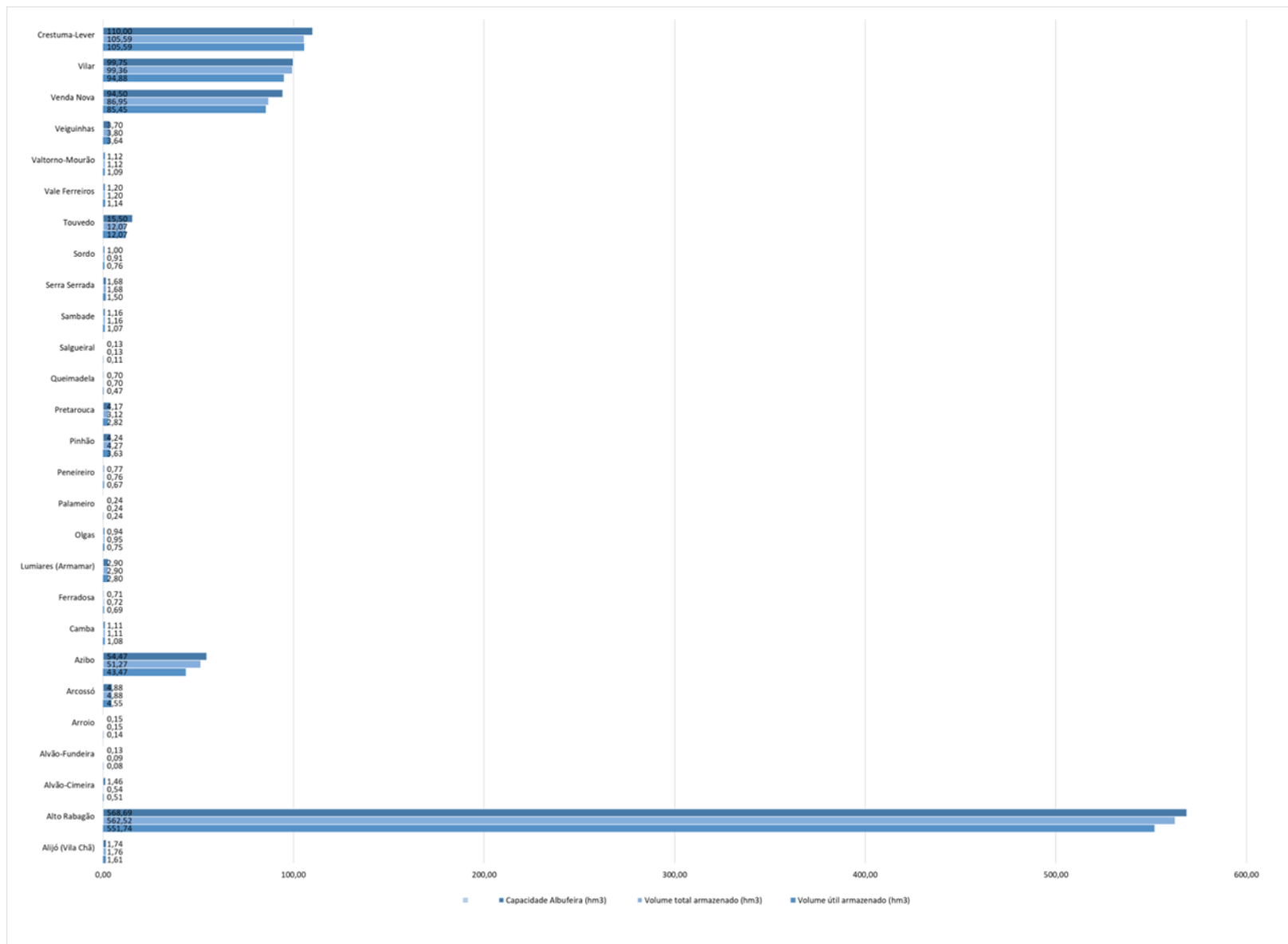


Figura 28 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 28/02/2026 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).

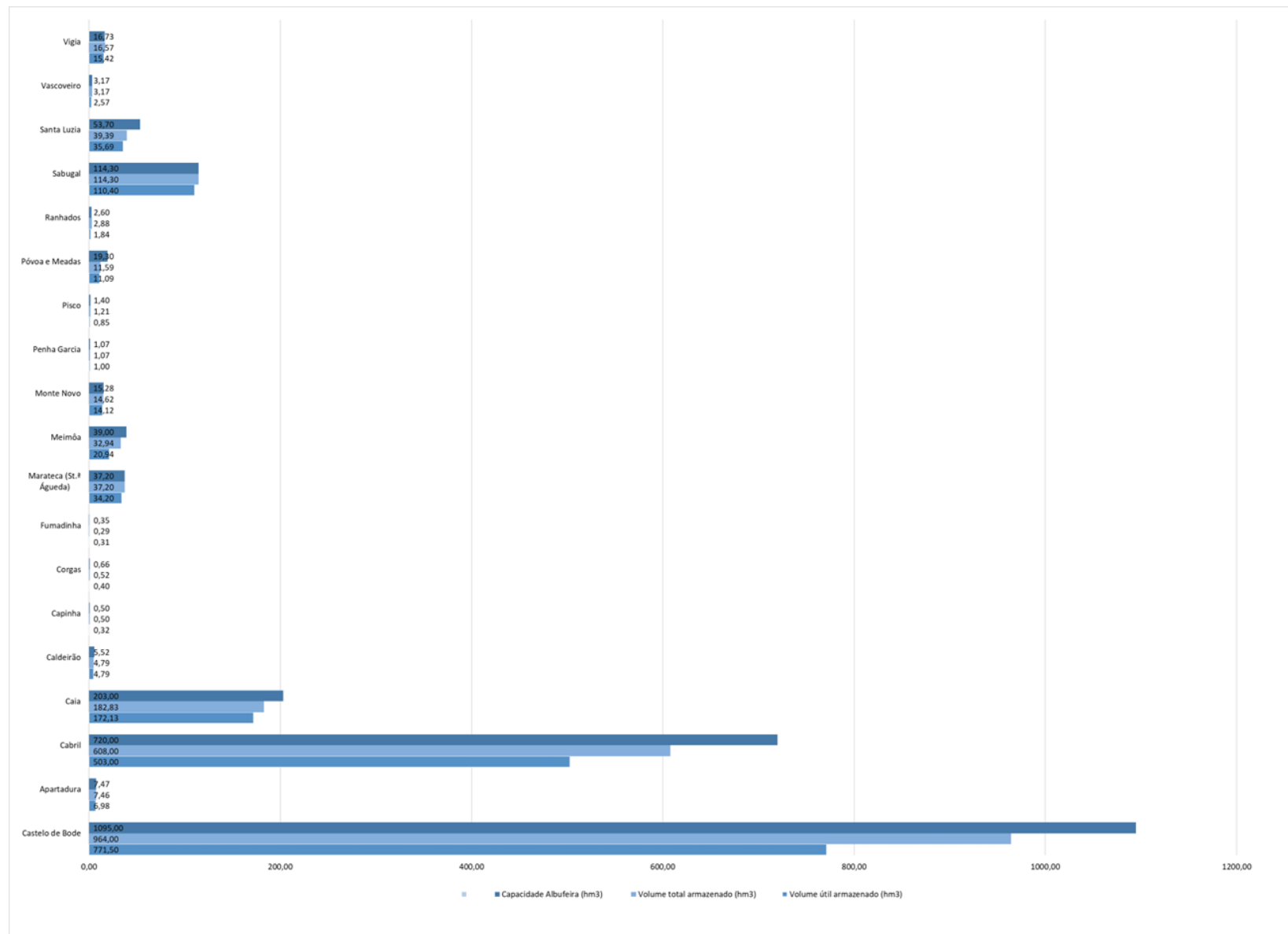


Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 28/02/2026 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).

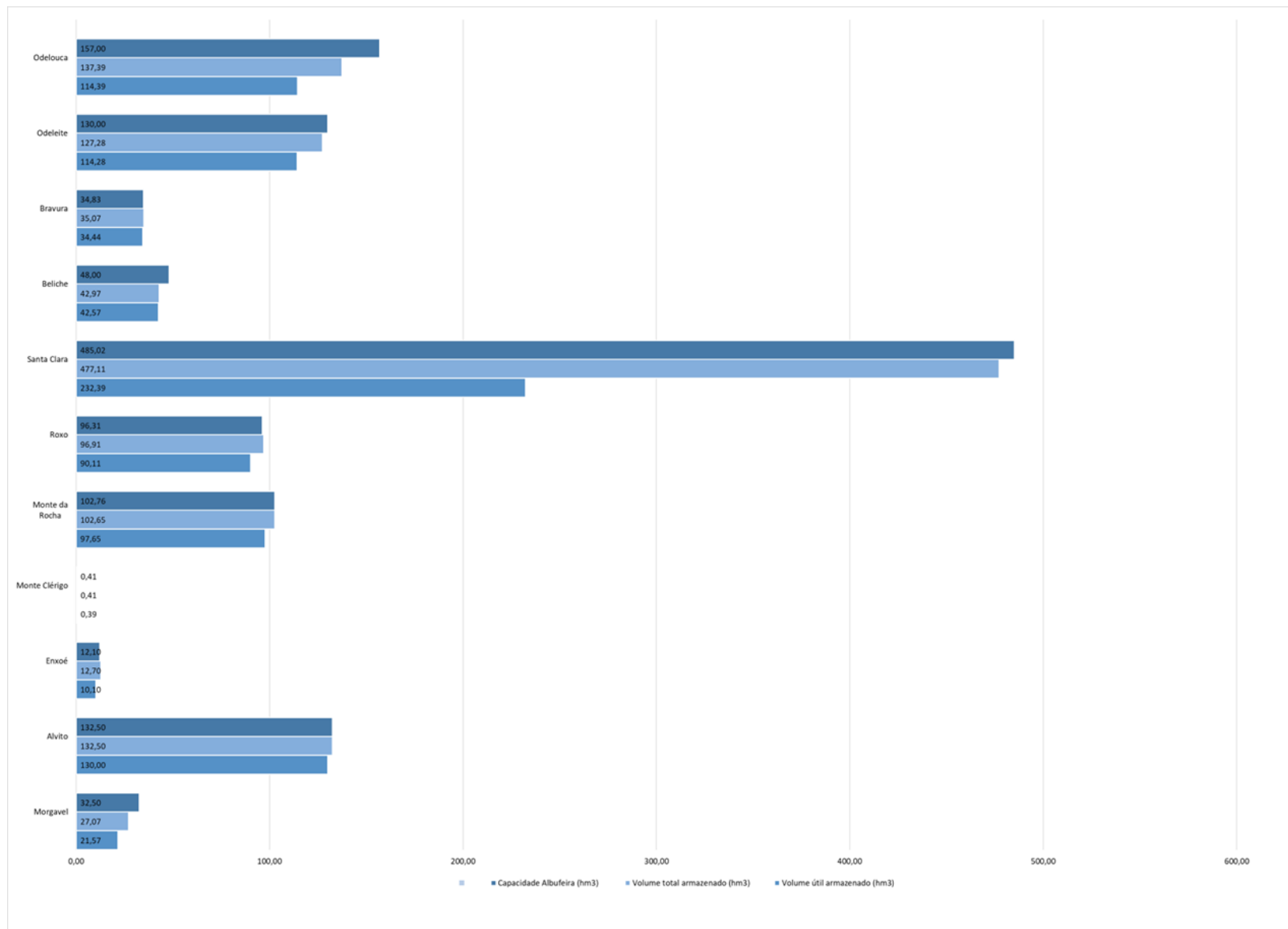


Figura 30- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 28/02/2026 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP).

Tabela 7 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)

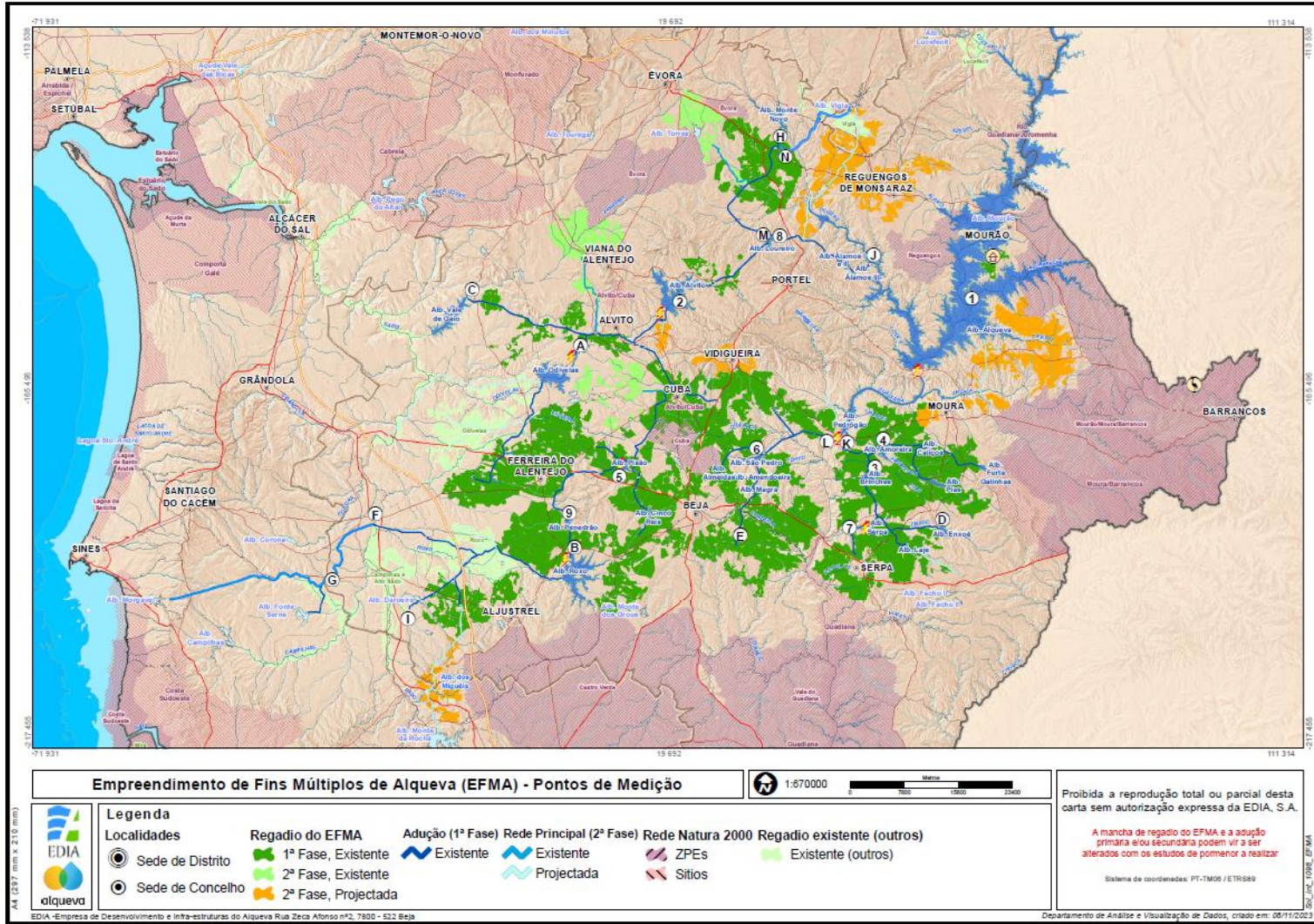
Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas do Centro Litoral	28/02/2026	Ribeira de Alge	Ansião, Figueiró dos Vinhos, Penela	Drenos de captação	Monitorização permanente do nível do poço de captação. Verificou-se, desde o final da semana de 11-15 julho de 2022, uma redução substancial do volume de água na Ribeira de Alge e um consequente abaixamento do nível do poço de captação.	Em vigilância ●	Tendo como objetivo a avaliação da possibilidade de recurso a águas subterrâneas, como alternativa/reforço das atuais captações sub superficiais, vai ser desenvolvido um estudo hidrogeológico. Aprovado em reunião de CA de 10-09-2024 o início de um procedimento administrativo de Ajuste Direto pelo Setor Especial para a contratação deste estudo à empresa Waterways, estando o mesmo já em curso.	Não	Por concretizar
Águas do Centro Litoral	28/02/2026	Mosteiro de Folques	Arganil	Drenos de captação	Integração nas infraestruturas do Sistema Multimunicipal da captação e ETA municipais de Folques, destinada a aumentar a resiliência do subsistema	Em vigilância ●	"Proceder à avaliação funcional das infraestruturas para avaliar a oportunidade da manifestação junto do município do interesse na integração no Sistema Multimunicipal. Em contatos estabelecidos com o Município de Arganil, a AdCL manifestou interesse na integração da infraestrutura municipal no Sistema Multimunicipal, estando em curso a preparação documental necessária á formalização do acordo/protocolo a estabelecer entre as partes.	Não	Em fase estudo/projeto
Águas Públicas do Alentejo	28/02/2026	Monte Clérigo-Rabaça	Almodôvar	Origens subterrâneas	Perda de produtividade de origem complementar à captação na albufeira de Monte Clérigo.	Em vigilância ●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas Públicas do Alentejo	28/02/2026	Mata de Valverde	Alcácer do Sal	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	28/02/2026	Campo Redondo	Odemira	Origens subterrâneas	Conjugação de perda de produtividade da origem com captações elevadas	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Não	
Águas Públicas do Alentejo	28/02/2026	Santa Clara	Odemira	Albufeira	Preocupações com garantias do abastecimento público em cenários de fortes restrições no fornecimento para a agricultura.	Em vigilância	●	'Definição pela APA do regime de exploração da albufeira, incluindo a definição da cota mínima de captação. Implementação de medidas previstas e financiadas pelo setor da agricultura (e.g. construção de nova captação, redução das perdas nos canais de rega, aumento da capacidade de reserva). Plano para aumento da sustentabilidade dos usos na bacia hidrográfica do Mira. Compromissos - Acordo H2O	Sim	Por concretizar
Águas Públicas do Alentejo	28/02/2026	Monte da Rocha	Almodôvar Castro Verde Ourique Odemira (9 localidades) Mértola (7 localidades)	Albufeira	Volume armazenado 24,243 hm ³ (Volume útil 19,243 hm ³). Necessidades anuais para abastecimento público 1,50 hm ³ (deverá ser salvaguardado o volume de 1,50 hm ³ + taxa de evaporação + infiltrações)	Em vigilância	●	Ligação EFMA-Monte da Rocha. Reforço de campanhas de sensibilização. Levantamento das origens alternativas de abastecimento, incluindo reativação de instalações e avaliação das necessidades para a respetiva operação. Agendamento reunião ARBCAS e municípios. Revisão do portfolio de medidas implementadas/ a implementar	Sim	Em Execução

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
								(captação, ETA, adução, distribuição, outras).		
Águas Públicas do Alentejo	28/02/2026	Monte Clérigo	Almodôvar	Albufeira	Origem que complementa Monte da Rocha. Volume armazenado disponível de 389 000 m3. Necessidades anuais para abastecimento público 186 702 m3.	Em vigilância	●	Licenciamento da captação e integração da barragem no futuro contrato de concessão	Sim	Por concretizar
Águas Públicas do Alentejo	28/02/2026	Cavaleiros/Almansor	Montemor-o-Novo	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Pedido de informação à APA relativo ao licenciamento de furos para rega.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	28/02/2026	Santa Margarida da Serra	Grândola	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Comunicação da evolução das captações ao município. Recomendação da restrição de usos não potáveis. Transporte de água efetuado nos dias 29/09, 04/10, 09/10, 12/10 e 13/10 de 2022.	Não	

7.3 Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão

Os volumes globais transferidos a partir de Alqueva e Pedrogão para perímetros e aproveitamentos confinantes, estão apresentados na Tabela 8 Tabela 9, e na Tabela



10. Na

Figura 31, são apresentados os pontos de medição.

Tabela 8 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/03/2026 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Cota (m)	NPA (m)	Volume total albufeira (hm ³)	Volume útil albufeira (hm ³)	Volume armazenado (hm ³)	Volume morto (hm ³)	Volume útil armazenado (hm ³)	Percentagem volume útil (%)
1- Alqueva	151,88	152,00	4150,00	3117,00	4042,00	1033,0	3009,0	96,5
2 - Alvito	197,70	197,50	132,50	130,00	132,50	2,50	130,0	100,0
3 - Brinches	135,12	135,00	11,00	9,67	11,00	1,33	9,7	100,0
4 - Amoreira	134,88	135,00	10,69	8,99	10,59	1,7	8,9	98,9
5 - Pisão	155,08	155,00	8,20	6,66	8,20	1,5	6,7	100,0
6 - S. Pedro	142,52	142,50	10,83	8,55	10,83	2,28	8,5	100,0
7 - Serpa	123,31	123,50	10,20	9,90	9,91	0,3	9,6	97,1
8 - Loureiro	221,96	222,00	6,98	2,48	6,94	4,50	2,4	98,7
9 - Penedrão	167,50	170,0	5,2	3,60	4,41	1,6	2,8	77,9

Tabela 9 - Volumes mensais transferidos (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/03/2026 (Fonte: EDIA)

Albufeiras	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-------

Tabela 10 - Volumes totais elevados (hm³) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/01/2026 (Fonte: EDIA)

Volumes Elevados	(hm³)
Subsistema	Total
Alqueva	241,21
Ardila	72,48
Pedrogão	82,90

Aspetos mais relevantes a sinalizar:

- i) Fruto do período de elevada pluviosidade, Alqueva tem descarregado para controlo e regularização dos caudais afluentes e estava à data à cota (151,88), correspondendo a um volume total e útil de, respetivamente, 4042 e 3009 hm³ e a 96,5% do volume útil da sua albufeira.
- ii) A barragem de Pedrogão descarregou cerca de 5000 m³/s. Esta operação foi necessária devido às elevadas afluências resultantes de precipitações intensas associadas ao “comboio” de depressões meteorológicas recentes que afetaram Portugal.
- iii) Todas as albufeiras do EFMA estavam a descarregar ou muito perto do seu NPA.

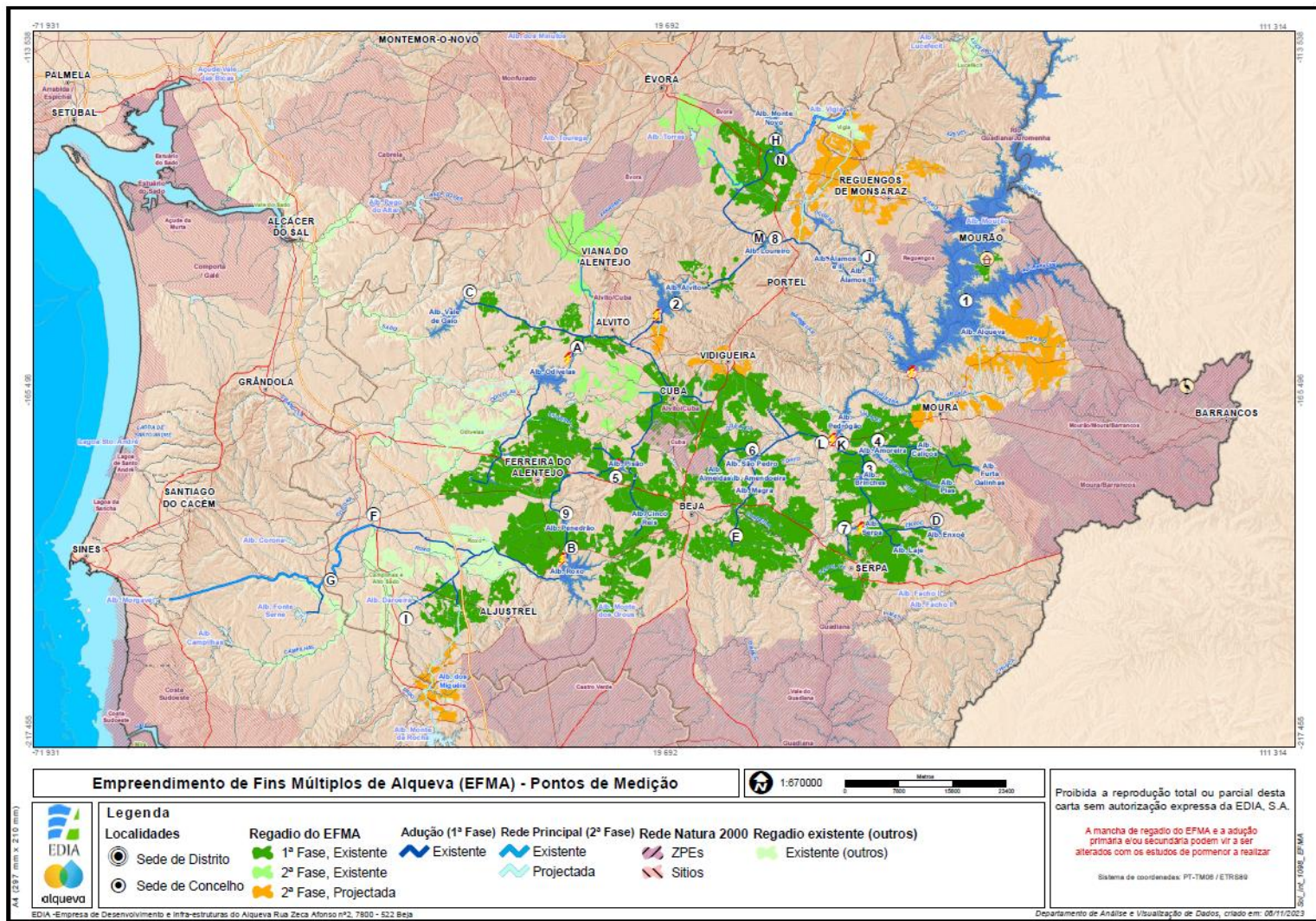


Figura 31 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão

ANEXOS

Anexo I

Atualização dos níveis de seca hidrológica

Os níveis de seca hidrológica propostos no Plano de Prevenção e Mitigação dos Efeitos da Seca foram definidos tendo por base as séries de dados de volumes armazenados por bacia hidrográfica, considerando o período entre 1992/93 e 2019/20. Contudo, as atuais condições das reservas hídricas superficiais não são as mesmas:

- Na última década tem-se observado um aumento da frequência de períodos de seca e uma ausência de anos húmidos;
 - Os padrões de precipitação têm vindo a alterar-se de forma significativa;
 - Os usos associados às barragens monitorizadas no Boletim de Albufeiras têm vindo a alterar-se;
 - A avaliação dos volumes disponíveis tem de integrar novas barragens, como Baixo Sabor, Ribeiradio, entre outras.

Neste contexto, importa proceder à atualização dos níveis de alerta definidos para cada bacia hidrográfica monitorizada, tendo por base um conjunto de índices, de registos históricos de secas e dos seus impactos nos diversos setores, com particular incidência nos últimos 20 anos, nas secas de 2004/05, 2011/12 e 2016/17.

Importa ter presente que reconhecer uma seca emergente, ou saber se a seca terminou, implica perceber o que é normal para um determinado local ou estação do ano e considerando períodos de tempo o mais longos possível. A compilação de dados sobre os impactos nos diversos setores assume enorme relevância na avaliação da situação de seca.

A análise dos períodos de seca hidrológica por bacia hidrográfica começou pela aplicação de um índice que permite avaliar o volume de água disponível nas albufeiras, *Drought State Index for Reservoirs (DSIR)*. Este índice aplicado às séries de volume armazenado mensal, por bacia hidrográfica, permite avaliar em cada mês o nível de seca, quando comparado na série total.

$$DSIR = \frac{1}{2} * [1 + (Vi - Vav)/(Vmax - Vmin)], \text{ se } Vi \geq Vav$$

$$DSIR = \frac{1}{2} * (Vi - Vmin)/(Vav - Vmin), \text{ se } Vi < Vav$$

Em que V_i – volume armazenado no mês i ; V_{av} – volume armazenado médio; V_{max} – volume armazenado máximo e V_{min} – volume armazenado mínimo

Procedeu-se ainda ao cálculo dos percentis 5 até 75, para a série histórica de cada mês do ano hidrológico, considerando períodos de tempo o mais longos possível. No caso das bacias hidrográficas do Guadiana e do Arade foi considerado um período de análise mais curto, tendo em conta a entrada em funcionamento das barragens de Alqueva e Odelouca, respetivamente. A bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve Sotavento, que tem ligação ao sistema Odeleite-Beliche, foi avaliada tendo em conta os volumes deste sistema. A bacia hidrográfica do Vouga não tem ainda associado níveis de alerta por ter uma série de dados que ainda não é estatisticamente representativa, será por isso apenas avaliada relativamente à média.

A informação estatística foi correlacionada com os impactos das secas nas últimas duas décadas, o que conduziu às classes de seca hidrológica constantes da Tabela 11.

Tabela 11 - Classes de seca hidrológica (Fonte: APA)

Nível de seca hidrológica	Percentis	Potenciais Impactos
Normal]P50; P75]	Situação normal correspondente a um ano médio
Seca fraca]P25; P50]	Possível início de seca - Seca de curto prazo com possíveis impactes ambientais, no cultivo e no crescimento de culturas ou pastagens. Possível seca de curta duração. Implementar medidas preventivas de poupança volumes de água captados, para evitar agravamento em caso de aumento da severidade da seca. Garantir caudais ecológicos.
Seca moderada]P10; P25]	Alguns impactes nas culturas, pastagens, diminuição dos caudais nos rios, nos volumes armazenado nas albufeiras, diminuição das reservas subterrâneas, com alguns impactes ambientais e sociais. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Avaliar densidade piscícola nas albufeiras mais afetadas. Reduzir os volumes captados para usos não essenciais. A situação de seca pode continuar a agravar.
Seca severa]P5;P10]	Perdas em culturas ou pastagens. Impactes significativos no ambiente e sociais. Redução das disponibilidades pode obrigar a impor restrições aos usos. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Reduzir os volumes captados para usos não essenciais.
Seca extrema	<=P5	Grandes perdas em culturas/pastagens. Redução muito significativa das disponibilidades de água com necessidade de impor restrições generalizadas de água. Pode ocorrer proibição de usos não essenciais (enchimentos de piscinas, rega de jardins com água da rede, ..) Forte impacte ambiental.

A metodologia descrita é aplicada a cada mês do ano permitindo desta forma definir níveis de alerta mensais. Assim é possível o monitorizar em contínuo do estado das reservas hídricas superficiais, por bacia hidrográfica, antecipar possíveis situações de seca e implementar medidas de prevenção de seca.

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO LIMA**

Bacia do Lima												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	29.9%	29.0%	29.7%	30.0%	35.3%	38.0%	51.7%	58.8%	56.0%	49.7%	46.3%	33.9%
P10	34.9%	30.5%	33.4%	37.5%	38.7%	46.0%	58.5%	63.8%	59.5%	53.5%	47.9%	40.4%
P25	41.6%	39.6%	51.7%	52.0%	53.3%	66.6%	72.4%	69.1%	65.8%	57.8%	52.2%	44.9%
P50	53.1%	58.1%	62.3%	63.9%	68.7%	73.5%	80.1%	81.7%	77.8%	67.5%	58.8%	52.3%
P75	60.5%	70.0%	70.9%	81.0%	77.5%	83.3%	87.4%	87.2%	82.2%	73.4%	66.4%	61.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO CÁVADO**

Bacia do Cávado												
Percentis	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set

P5	51.5%	48.3%	52.2%	51.0%	48.8%	50.2%	54.3%	58.5%	57.3%	52.8%	50.2%	49.7%
P10	52.1%	51.3%	55.9%	53.7%	51.3%	51.8%	56.7%	60.7%	58.5%	56.3%	54.1%	51.5%
P25	53.5%	59.7%	57.6%	58.8%	61.6%	65.8%	66.9%	69.5%	65.9%	60.6%	57.8%	54.7%
P50	59.0%	62.9%	66.3%	70.3%	72.0%	71.1%	76.3%	76.1%	72.3%	68.4%	64.6%	61.6%
P75	66.9%	69.2%	75.3%	82.2%	84.2%	83.8%	85.7%	82.0%	77.2%	73.1%	68.4%	66.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO AVE**

Bacia hidrográfica do Ave												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	32.6%	26.5%	37.9%	43.5%	45.7%	47.7%	59.5%	56.6%	40.7%	36.5%	30.3%	30.4%
P10	35.9%	35.3%	46.6%	49.9%	50.3%	52.3%	61.0%	59.8%	50.3%	47.2%	38.7%	32.6%
P25	42.1%	43.6%	54.7%	56.8%	62.1%	59.4%	65.8%	68.7%	59.8%	55.4%	45.7%	39.6%
P50	52.4%	64.3%	65.7%	75.8%	70.0%	71.7%	78.0%	78.6%	68.7%	61.7%	53.5%	48.0%
P75	66.2%	79.5%	97.0%	91.7%	93.5%	84.5%	88.8%	86.8%	76.4%	70.1%	64.5%	56.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO**

Bacia hidrográfica do Douro												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50.4%	49.3%	53.9%	54.8%	55.1%	57.2%	57.2%	57.6%	57.6%	54.7%	52.5%	51.4%
P10	51.9%	52.7%	55.1%	55.3%	57.0%	58.5%	58.1%	62.8%	60.3%	57.2%	54.3%	53.6%
P25	56.7%	57.2%	58.0%	59.1%	61.3%	67.0%	70.5%	68.4%	66.2%	62.6%	59.4%	57.7%
P50	61.4%	60.0%	65.1%	68.0%	72.4%	74.3%	78.1%	74.9%	73.0%	68.8%	64.7%	61.6%
P75	63.1%	65.8%	71.3%	82.5%	80.5%	83.0%	80.7%	81.8%	77.2%	73.9%	71.2%	64.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MONDEGO**

Bacia Hidrográfica do Mondego												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	54.3%	56.2%	57.3%	62.0%	66.6%	70.0%	80.0%	83.3%	78.6%	70.7%	61.2%	56.0%
P10	56.5%	58.1%	60.1%	62.7%	66.9%	71.0%	80.9%	85.1%	80.4%	71.7%	63.3%	57.2%
P25	59.0%	64.1%	64.8%	66.6%	69.8%	73.4%	83.3%	86.7%	83.5%	74.0%	65.6%	60.6%
P50	61.9%	67.6%	70.3%	69.6%	72.5%	79.1%	89.3%	89.6%	87.8%	78.5%	67.3%	62.5%
P75	67.5%	72.4%	75.1%	77.0%	77.2%	81.0%	92.5%	92.2%	89.8%	81.9%	71.7%	63.4%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO**

Bacia hidrográfica do Tejo												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50%	56%	56%	54%	53%	58%	61%	63%	61%	57%	54%	50%
P10	54%	56%	57%	58%	58%	64%	65%	68%	66%	62%	58%	56%

P25	58%	59%	62%	64%	67%	74%	77%	76%	72%	67%	62%	59%
P50	63%	63%	72%	79%	82%	81%	83%	83%	80%	73%	67%	64%
P75	66%	68%	84%	89%	88%	87%	90%	88%	84%	76%	71%	68%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO OESTE**

Bacia Hidrográfica das Ribeiras do Oeste												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	22.1%	25.1%	33.1%	36.1%	36.7%	36.4%	34.0%	31.8%	28.8%	26.6%	22.2%	21.0%
P10	26.3%	32.6%	38.9%	38.0%	38.9%	39.8%	39.7%	41.4%	36.7%	32.6%	28.9%	27.0%
P25	40.5%	43.2%	48.6%	52.1%	52.1%	51.3%	55.4%	54.7%	51.4%	48.2%	44.9%	42.3%
P50	49.7%	54.2%	56.9%	61.1%	67.7%	68.8%	67.1%	68.7%	66.0%	61.6%	57.1%	52.7%
P75	65.3%	67.7%	74.6%	82.1%	86.1%	86.7%	87.8%	83.6%	78.8%	73.9%	69.5%	66.3%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO SADO**

Bacia hidrográfica do Sado												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	18.6%	19.0%	25.3%	27.4%	29.7%	36.2%	38.3%	35.2%	30.3%	24.8%	20.1%	18.2%
P10	21.0%	21.4%	27.9%	30.5%	34.8%	42.1%	43.1%	39.2%	34.8%	29.3%	24.5%	21.8%
P25	31.3%	33.3%	40.0%	41.5%	43.5%	48.2%	49.1%	50.3%	46.6%	39.6%	33.4%	30.3%
P50	40.6%	44.7%	50.8%	63.4%	64.8%	65.4%	66.7%	62.7%	56.3%	48.8%	42.7%	39.3%
P75	56.1%	58.0%	71.1%	73.7%	77.9%	84.8%	85.9%	82.7%	76.9%	69.1%	61.0%	56.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO GUADIANA**

Bacia hidrográfica do Guadiana												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	59.3%	60.1%	64.5%	64.5%	64.9%	67.8%	67.1%	66.3%	64.4%	62.1%	60.6%	59.9%
P10	61.5%	61.8%	64.9%	65.7%	65.3%	69.4%	68.8%	68.0%	66.6%	64.6%	62.1%	61.6%
P25	66.2%	69.4%	74.3%	73.7%	76.2%	75.9%	75.8%	75.3%	73.5%	70.1%	66.6%	65.3%
P50	74.2%	75.5%	76.1%	77.3%	80.0%	81.3%	81.1%	81.3%	78.9%	76.0%	74.5%	74.0%
P75	76.9%	79.2%	83.6%	87.5%	88.8%	89.3%	88.4%	86.4%	83.8%	81.6%	79.2%	78.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MIRA**

Bacia hidrográfica do Mira												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	40.7%	41.2%	42.5%	42.4%	44.8%	44.3%	44.2%	43.3%	41.9%	40.3%	38.8%	37.8%
P10	42.6%	43.0%	48.8%	49.0%	50.3%	51.0%	50.4%	49.2%	47.8%	46.1%	44.2%	42.8%

Bacia hidrográfica do Mira												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P25	55.5%	59.2%	59.4%	61.8%	63.3%	67.2%	66.9%	65.2%	62.9%	60.3%	57.7%	55.9%
P50	71.0%	71.6%	73.2%	77.9%	77.3%	78.1%	80.5%	80.4%	77.9%	74.9%	72.3%	71.1%
P75	81.7%	81.1%	83.9%	84.9%	87.7%	88.1%	90.8%	89.3%	87.0%	84.2%	81.3%	80.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO ARADE**

Bacia hidrográfica do Arade												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	33.6%	33.6%	38.6%	38.2%	40.3%	38.4%	41.9%	40.7%	38.9%	35.5%	32.0%	29.9%
P10	35.7%	36.6%	40.2%	40.0%	41.4%	45.4%	45.5%	44.5%	42.2%	38.9%	35.6%	33.4%
P25	40.3%	41.0%	48.3%	53.0%	52.4%	52.9%	52.4%	51.4%	48.2%	44.5%	40.8%	39.3%
P50	46.3%	49.1%	54.1%	55.0%	56.8%	60.4%	61.9%	61.1%	57.6%	53.8%	50.1%	47.0%
P75	56.5%	55.0%	55.3%	58.8%	61.6%	72.1%	74.8%	72.2%	68.6%	64.4%	60.3%	57.6%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (BARLAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Barlavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	11.8%	12.7%	18.5%	19.8%	25.7%	25.2%	23.8%	21.8%	19.0%	15.7%	12.2%	10.2%
P10	17.1%	17.0%	29.9%	31.2%	32.9%	32.5%	32.7%	31.1%	28.5%	23.7%	18.8%	15.1%
P25	37.9%	45.6%	48.7%	58.0%	59.9%	61.2%	61.9%	57.6%	52.6%	46.4%	40.9%	36.8%
P50	60.1%	60.1%	68.9%	72.5%	78.8%	81.2%	80.6%	79.9%	75.5%	69.6%	64.0%	60.0%
P75	70.3%	70.9%	81.3%	91.7%	97.0%	97.3%	97.1%	93.0%	87.8%	80.7%	74.0%	70.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (SOTAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Sotavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	31.0%	39.1%	43.5%	44.8%	45.0%	44.6%	46.0%	45.5%	42.9%	38.6%	33.7%	29.5%
P10	36.2%	44.7%	47.9%	49.3%	47.8%	46.7%	47.7%	51.2%	48.7%	45.9%	43.0%	39.6%
P25	46.5%	51.4%	63.4%	63.9%	67.2%	71.2%	69.4%	65.5%	61.0%	55.6%	50.4%	48.7%
P50	66.2%	69.1%	71.9%	74.9%	78.0%	82.0%	82.1%	82.8%	78.8%	74.7%	71.2%	68.5%
P75	76.5%	74.6%	76.7%	77.7%	87.0%	89.8%	89.7%	92.4%	88.3%	83.1%	78.4%	74.3%

Anexo II

Variação da Área Cultivada em relação à campanha anterior (%) Campanha 2025/26

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras					
Milho					
Sorgo					
Aveia					
Azevém				-10	
Centeio		-5 a 0			
Consociações				-20	
Leguminosas		0 a +10			
Prados temporários		0 a +10			
Pastagens permanentes				-20 a -10	
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole	-30 a +11	-80 a 0	-90 a -75	-60	0
Trigo duro			-90 a -85	-60	0
Triticale	0 a +32	0	-85 a -25	-60	0
Aveia	-19 a +7	-10 a 0			
Centeio	-23 a +3	-50 a 0	a)	-60	0
Cevada	-21 a +8	-50 a 0	a)	-70 a -60	0
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Girassol					
Grão-de-Bico					
Milho de Regadio					
Milho de Sequeiro					
Melão					
Tomate para Indústria					

a) Ainda não é possível estimar

b) Área retificada

Anexo III

Varição da Produtividade/Produção* em relação à campanha anterior (%) Campanha 2025/2026

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras:					
Aveia					
Azevém					
Centeio					
Consociações					
Milho					
Sorgo					
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole					
Trigo duro					
Triticale					
Centeio					
Cevada					
Aveia		-20 a 0	a)	-60 a -50	0
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Milho de Regadio					
Milho Sequeiro					
Grão-de-Bico					
Melão					
Tomate para Indústria					
Girassol					
Culturas Permanentes					
Alfarroba					
Amêndoa					
Avelã					
Azeitona de Mesa	-40 a -10*	-20 a +90*	+10*	-15*	+ 200*
Azeitona de Azeite	-35 a +1053*	-28 a +108*	-6 a +10*	-10*	+320*
Cereja					
Castanha					
Kiwi					
Mirtilo					
Laranja					-5*
Maçã					
Noz					
Pêssego					
Pera					
Figo					
Uva de Mesa					
Uva para Vinho					

* - Produção

a) Ainda não é possível estimar

